



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS

PALLOMA LOPES DE MELO

**AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS COMO TEORIA NECESSÁRIA NAS ESCOLAS
PARA FORMAÇÃO INTEGRAL DOS EDUCANDOS: UMA PROPOSIÇÃO A
PARTIR DE ESTUDO DE CASO NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

FORTALEZA

2021

PALLOMA LOPES DE MELO

AS INTELIGÊNCIA MÚLTIPLAS COMO TEORIA NECESSÁRIA NAS ESCOLAS
PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL DOS EDUCANDOS: UMA PROPOSIÇÃO A PARTIR
DE ESTUDO DE CASO NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, como um dos pré-requisitos para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria José Barbosa.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M486i Melo, Palloma Lopes de.
AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS COMO TEORIA NECESSÁRIA NAS ESCOLAS PARA
FORMAÇÃO INTEGRAL DOS EDUCANDOS: UMA PROPOSIÇÃO A PARTIR DE ESTUDO DE
CASO NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL / Palloma Lopes de Melo. – 2022.
62 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação,
Curso de Pedagogia
, Fortaleza, 2022.

Orientação: Prof. Dr. Maria José Barbosa.

1. Inteligências Múltiplas.. 2. Desenvolvimento integral da criança. 3. Escolas. I. Título.

CDD 370

PALLOMA LOPES DE MELO

AS INTELIGÊNCIAS MULTIPLAS COMO TEORIA NECESSÁRIA NAS ESCOLAS
PARA FORMAÇÃO INTEGRAL DOS EDUCANDOS: UMA PROPOSIÇÃO A PARTIR
DE ESTUDO DE CASO NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de
Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, como um dos pré-
requisitos para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria José Barbosa.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria José Barbosa (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Alexandre Santiago da Costa

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luís Távora

Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

À minha mãe, Vanda Lopes da
Silva

AGRADECIMENTOS

Todo o caminho percorrido para que este momento fosse possível não foi fácil. Houve decepções, desafios, mas também, alegrias e conquistas diárias que contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui.

Minha maior gratidão, em primeiro lugar, é a Deus, pois sei que foi graças a Ele que tudo em minha vida foi possível. Deixo meus agradecimentos a minha mãe, uma mulher forte e guerreira que sempre batalhou por nós, fazendo o seu máximo para me dar o melhor; um exemplo para mim.

Trago também meu muito obrigada às amigas que fui construindo durante minha caminhada; dentre elas destaco: Thalyta, Tayara e Viviana. Companheiras de estudo que pretendo levar para a vida, pois sempre se mostraram leais e prontas para me ajudar.

Agradeço aos professores que contribuíram para a minha formação, a todos os profissionais que fazem parte da FACED e à tia Mara que fez parte de muitos momentos de descontração e de risos.

E finalizo agradecendo a escola, que abriu suas portas para que fosse possível a realização da pesquisa de campo descrita neste trabalho e aos profissionais que concordaram em participar da defesa desta monografia. Meus mais sinceros e singelos agradecimentos.

RESUMO

Esta monografia busca abordar a Teoria das Inteligências Múltiplas como uma base necessária para o desenvolvimento integral da criança, partindo do ponto de vista escolar, ou seja, procura mostrar esta teoria como uma estratégia de uso significativo por parte das escolas para um melhor aprendizado dos alunos. Com isso, procura-se aprofundar os estudos referentes a esta teoria e revisar o desenvolvimento da inteligência na infância, além de analisar a situação em que se encontra o cenário das escolas. A referida pesquisa é qualitativa e teve como metodologias utilizadas: estudos bibliográficos em que leva como embasamento teórico principal os pensadores Gardner (1995; 1999); Piaget (1999) e Pulaski (1986), dentre outros autores, que com seus estudos muito contribuíram para que este trabalho fosse possível; a pesquisa de campo que foi realizada em uma escola da rede pública de Fortaleza, onde foram feitas observações da rotina de uma turma de 3º ano do ensino fundamental durante dois dias da semana, em um período de aproximadamente dois meses; e para concluir a pesquisa, foi realizada uma entrevista semiestruturada com a professora regente A. E enfim, este trabalho foi constituído através das análises sobre o que fora estudado e observado, alcançando-se resultados que apontam a Teoria das Inteligências Múltiplas como um estudo colaborativo e significativo para o desenvolvimento integral das crianças, mostrando a positividade de sua aplicação nas instituições de ensino no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Inteligências Múltiplas. Desenvolvimento integral da criança. Escolas.

ABSTRACT

This monograph seeks to approach the Theory of Multiple Intelligences as a necessary basis for the integral development of the child, starting from the school point of view, that is, it seeks to show this theory as a strategy of significant use by schools for a better learning of students. With this, we seek to deepen the studies related to this theory and review the development of intelligence in childhood, in addition to analyzing the situation in which the school scenario is found. The referred research is qualitative and had as methodologies used: bibliographic studies in which Gardner thinkers (1995; 1999) take as their main theoretical basis; Piaget (1999) and Pulaski (1986), among other authors, who with their studies contributed a lot to make this work possible; the field research that was carried out in a public school in Fortaleza, where the routine observations of a class of 3rd year of elementary school were made during two days of the week, in a period of approximately two months; and to conclude the research, a semi-structured interview was conducted with the conducting teacher A. . And finally, this work was constituted through the analysis of what had been studied and observed, achieving results that point out the Theory of Multiple Intelligences as a collaborative and significant study for the integral development of children, showing the positivity of its application in institutions teaching in the learning process.

Keywords: Multiple Intelligences. Integral development of the child. School.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	8
2.	A FORMAÇÃO DOS EDUCANDOS A PARTIR DO ESTUDO DE CONCEITOS COMO INTELIGÊNCIA, DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E A APRENDIZAGEM.....	10
2.1	Quociente de inteligência: o que o teste de Q.I nos mostra? Ele realmente mede a inteligência?.....	13
2.2	Howard Gardner e a Teoria das Inteligências Múltiplas	17
2.3	A Inteligência e o Desenvolvimento Humano	22
2.4	Implicações das I.M para o desenvolvimento integral do indivíduo	25
3.	EDUCAÇÃO, ESCOLA E CURRÍCULO: IMPORTANTES CONCEITOS VIGENTES	29
3.1	A educação escolar e sua influência na sociedade	29
3.2	A função social da escola	31
3.3	A organização das práticas educativas a partir do currículo	37
4.	UMA ESCOLA VOLTADA PARA FORMAÇÃO INTEGRAL	39
4.1	Metodologia	39
4.2	Local da pesquisa	40
4.3	A turma pesquisada	40
4.4	Análise dos dados	41
4.5	A expressão da professora	46
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
	REFERÊNCIAS	59
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA À PROFESSORA REGENTE A DA TURMA DO 3º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL VICENTE FIALHO	62

1. INTRODUÇÃO

É bem certo que as sociedades são bastante complexas, sendo compostas por indivíduos que possuem um conjunto de ramificações de potencialidades, cada um com suas particularidades. O ser humano traz em si uma bagagem constituída de história e cultura, de forma que estes elementos culminam na construção de uma sociedade.

Este trabalho teve como principal referência os estudos sobre as Inteligências Múltiplas de Howard Gardner. Apesar de não ser pedagogo nem ser uma figura ligada a área da educação, suas pesquisas embasadas na neurociência contribuíram bastante para o meio educacional, sendo úteis nas salas de aula. Tal estudo traz importantes contribuições para melhor compreender a aprendizagem, ao incentivar maior conhecimento sobre como funciona o cérebro humano é possível intervenções mais ricas e potenciais nas aulas, resultando em um desenvolvimento mais completo, não só dos alunos, mas dos próprios profissionais da educação.

Esta pesquisa teve como objetivo geral propor a abordagem Inteligências Múltiplas como teoria que colabora para a formação integral dos educandos das séries iniciais do ensino fundamental. E como objetivos específicos: aprofundar estudos da teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner; revisar teorias sobre o desenvolvimento da inteligência infantil; e analisar o contexto escolar atual frente a teoria das Inteligências Múltiplas.

As questões que embasam nossa pesquisa são: o professor das séries iniciais ao organizar o currículo de sua turma leva em consideração a necessidade da formação integral dos educandos? A teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner poderia colaborar para um currículo menos conteudista? Será que os currículos das escolas estão considerando o desenvolvimento integral dos alunos?

O tema abordado traz a reflexão sobre a atual situação educacional que nossas crianças estão vivendo, se o foco que as escolas têm no seu trabalho pedagógico e a forma como executam-no. Temos como hipótese que a escola desenvolve seu trabalho considerando apenas uma parte do que pode ser explorado em cada ser, limitando suas capacidades, focando em certas áreas do conhecimento e desprezando outras, havendo supervalorização do conteúdo.

A pesquisa tem abordagem qualitativa, fundamentando-se em pesquisa bibliográfica e um estudo de caso. Iniciando-se com levantamentos bibliográficos de obras que contribuíram para esclarecimentos sobre o tema e subsidiaram as análises dos dados coletados. As obras centrais de nosso estudo foram Gardner (1995; 1999); Piaget (1999) e Pulaski (1986).

Com o fim de acompanhar a formação das crianças no dia a dia da sala de aula e observar a atuação das professoras junto aos educandos, realizou-se um estudo de caso. Foi escolhida uma escola da rede pública municipal de ensino, tendo como foco uma turma do terceiro (3º) ano do ensino fundamental, onde realizamos observações em um período de dois meses (abril e maio de 2019), duas vezes por semana – às segundas e às sextas-feiras – e também uma entrevista com uma das professoras da turma.

A segunda parte do processo remeteu-se à análise dos dados obtidos. O estudo foi aprofundado, relacionando teoria e prática para se reter informações que contemplem o objetivo, chegando a uma resposta para a pergunta feita e, desta forma, atingindo um resultado e alcançando conclusões e reflexões.

O trabalho está organizado em três capítulos que apresentam os resultados da pesquisa bibliográfica e de campo além de nossas análises, no intuito de contribuir para o alcance do objetivo almejado.

2. A FORMAÇÃO DOS EDUCANDOS A PARTIR DO ESTUDO DE CONCEITOS COMO INTELIGÊNCIA, DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E A APRENDIZAGEM

Entendemos que a inteligência, como ela é vista e trabalhada, possui uma certa relação com o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem dos indivíduos. A partir deste pensamento, consideramos a relevância de abordar este construto; com isto, o capítulo que se segue tem como base o tema “inteligência”.

De origem latina, *intellectus*, o termo inteligência é bastante aberto, pois possui diversas definições, o que dificulta o encontro de um consenso para tal conceito. No entanto, dois significados são fortemente aceitos. O primeiro, como afirma o relatório de *Intelligence: Knowns and Unknowns* (1995), segundo Rodrigues (s.d, p. 4):

Os indivíduos diferem na habilidade de entender ideias complexas, de se adaptarem com eficácia ao ambiente, de aprenderem com a experiência, de se engajarem nas várias formas de raciocínio, de superarem obstáculos mediante o pensamento. Embora tais diferenças individuais possam ser substanciais, nunca são completamente consistentes: o desempenho intelectual de uma dada pessoa vai variar em ocasiões distintas, em domínios distintos, a se julgar por critérios distintos. Os conceitos de 'inteligência' são tentativas de aclarar e organizar esse conjunto complexo de fenômenos.

Já o segundo, foi firmado por cerca de cinquenta e dois pesquisadores em inteligência. E baseada em *Mainstream Science on Intelligence* (1994), Rodrigues (s.d, p. 4) diz:

uma capacidade mental bastante geral que, entre outras coisas, envolve a habilidade de raciocinar, planejar, resolver problemas, pensar de forma abstrata, compreender ideias complexas, aprender rápido e aprender com a experiência. Não é uma mera aprendizagem literária, uma habilidade estritamente acadêmica ou um talento para sair-se bem em provas. Ao contrário disso, o conceito refere-se a uma capacidade mais ampla e mais profunda de compreensão do mundo à sua volta 'pegar no ar', 'pegar' o sentido das coisas ou 'perceber' uma coisa.

Ou seja, um ser inteligente não é necessariamente aquele que vai apresentar o melhor índice acadêmico, mas sim aquele que vai ter em sua caminhada habilidades e capacitações que o levarão a desenvolver-se em todas as áreas de sua vida, a resolver situações diversas, a saber utilizar de suas experiências para dar passos promissores. Mas é claro que tudo isto é característico, isto é, difere-se de pessoa para pessoa, pois cada sujeito possui suas particularidades, o que significa que cada um tem o seu tempo, tem a sua experiência, porém, também tem suas capacidades prontas para serem desenvolvidas.

A verdade é que definições para o conceito de inteligência existem várias, e a necessidade de conhecê-la mais profundamente vem sendo pluralizada, de forma que as

investigações sobre ela vêm se concretizando há tempos. Sternberg (1992, p. 18) cita alguns especialistas e suas respectivas definições sobre o que é inteligência como: Thorndike (1921) diz que a natureza da inteligência é “a capacidade para dar respostas verdadeiras ou factuais”; enquanto Terman (1921) afirma que ela é “a capacidade para realizar o pensamento abstrato”; já Colvin (1921) relata que inteligência é “a capacidade para aprender a adaptar-se ao ambiente”; Dearbom (1921) demonstra a ideia de que ela é “a capacidade para aprender ou beneficiar-se da experiência; e Woodrow (1921) pensa ser “a capacidade para adquirir habilidades”. Estes são apenas alguns nomes e teorias.

O pensamento referente a inteligência pertencente a Woodrow (apud STERNBERG, 1992) traz uma ideia que, se refletirmos bem, lembra um pouco a concepção da inteligência como algo amplo, que não está unicamente ligado a uma abstração cognitiva, mas que a prática pode ser uma grande manifestação desse conceito, ou seja, também é possível que a inteligência seja demonstrada através das habilidades, não especificamente aquelas mentais, mas de modo geral, como as físicas também.

Comumente a inteligência chega a ser vista até mesmo como uma potência genética, ou seja, que foi herdada e que pode ser desenvolvida através da educação; em outras palavras, que a pessoa nasce “muito inteligente ou não” e que isto passa a ser notado a medida que a criança vai crescendo e que é na escola que ela vai potencializar-se mais, deste modo, quando o indivíduo vai muito bem nos estudos é porque já nasceu com um maior nível intelectual, enquanto aquele indivíduo que não atinge tanto sucesso escolar não teria um intelecto tão alto.

Mas se formos levar em conta o contexto histórico da humanidade encontraremos ideais e valorizações diversificadas. Considerando o que os antigos povos mais apreciavam, teremos relevâncias distintas. Os gregos, por exemplo, depositavam tamanho reconhecimento em quem ostentava agilidade física, comportamento virtuoso e racionalidade. Já os romanos tinham foco na coragem máscula, e no caso dos chineses, com influência de Confúcio, valorizavam tradicionalmente os poetas, os calígrafos, os musicistas, aqueles que manejavam e praticavam o arco e o desenho. E ao nos depararmos com a atualidade, principalmente na sociedade ocidental, temos a *inteligência* como o seu ideal, embora as dimensões pertencentes ao mesmo evoluam com o tempo e o cenário. (GARDNER, 1999, p. 11).

Como já citado, a inteligência é abrangente, de forma que o ambiente influencia bastante a sua concepção. Para Gardner (1995, p. 14), inteligência é “a capacidade de resolver problemas ou de elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais ou comunitários”. Com isso, tal conceito acaba abalando o que se tem, geralmente, por inteligência, indo além da conhecida capacidade de solucionar testes de intelectualidade e traz

consigo um universo de possibilidades, proporcionando a resolução de todos os tipos de problemas, desde os mais complexos, tanto teóricos como práticos, até mesmo aos mais simples.

No caso das escolas tradicionais, segundo Gardner (1999, p. 11), o indivíduo que dominava as línguas clássicas e a matemática, em principal a geometria, eram os considerados inteligentes, enquanto no meio empresarial, intelectuais eram aqueles que previam oportunidades comerciais, além de assumir riscos calculados, que construam organizações, deixando tanto os acionistas satisfeitos como as contas equilibradas; e por volta do século XX. e ainda hoje é tida por muitos como relevantes. Podia-se definir como inteligente todo indivíduo ¹³ capacitado a realizar tudo o que for ordenado de maneira eficaz.

É importante entender que, embora a inteligência seja amplamente conhecida, no entanto, diversificadamente compreendida, é possível aprofundarmos este conceito de maneira tal que a percebamos como uma característica muito além do que o pensado e falado. O ser humano não se encontra limitado a um único tipo de raciocínio a ponto de poder atuar apenas em uma determinada situação. Na verdade, ele é detentor de um conjunto de potencialidades e capacidades, as denominadas “Inteligências Múltiplas” (GARDNER, 1999, p. 14), que podem ser utilizadas produtivamente, tanto em coletivo como individualmente; tanto nas escolas como no trabalho, em casa, na rua, enfim, de um modo geral, nos diversos contextos sociais.

Contudo, um detalhe crucial que as sociedades deveriam sempre considerar, como afirma Gardner (1999, p. 14), é a relação da inteligência com a moral, isto porque o mundo não se limita apenas ao intelectual. Embora tenha um grande valor, é fundamental que se considere os demais valores sociais de vivência, como o caráter, que inclusive possui uma importância ainda maior, para que se construa um mundo em que as pessoas tenham mais satisfação. Considerar a realidade das distinções e das combinações intelectuais dos seres humanos e reconhecer a ligação das potencialidades de cada indivíduo é importante, isto porque contribui para o bem comum, pois cada um se sentirá mais percebido na sociedade e mais à vontade para trabalhar em prol de todos.

Compreendemos que todos os indivíduos têm habilidades que devem ser estimuladas a ponto de serem desenvolvidas, levando-os a capacitações e, desta forma, suas contribuições individuais e sociais terão maior chance de serem bem-sucedidas. Entendemos, com isto, que a inteligência é ampla e que seu maior desenvolvimento não está limitado a um campo acadêmico e nem sua medição a um teste a lápis e papel, mas à relação de cada sujeito com aquilo que está a sua volta, ou seja, com o ambiente que o cerca, consigo e com o outro, e que as formas como agir e lidar com as circunstâncias diversas dirão muito sobre suas

capacidades. É por isso que desenvolver uma criança integralmente e prepará-la para viver socialmente requer estratégia e didática, indo além de uma prova, requer estímulos significativos.

2.1 Quociente de inteligência: o que o teste de Q.I nos mostra? Ele realmente mede a inteligência?

Quando falamos em nível de inteligência é comum pensarmos no grau do Quociente de Inteligência, ou seja, se for para medir o quão inteligente alguém é, o famoso teste de Q.I pode realizar esta proeza. Mas, será que ele é tão eficaz quanto achamos? Será que ele é mesmo capaz de medir a inteligência de cada indivíduo?

O teste de inteligência, medido pelo Q.I surgiu por volta de 1900, em Paris. Foi desenvolvido pelo psicólogo Alfred Binet, quando solicitado a descobrir quais crianças teriam sucesso e quais fracassariam nas escolas da cidade, nas primeiras séries escolares. Logo ficou conhecido nos Estados Unidos garantindo êxito até a Primeira Guerra Mundial, e seu uso abrangeu até mesmo recrutas americanos. Desde então, o teste de Q.I foi tido como uma grande conquista por parte da psicologia, afinal, o que antes só se conseguia distinguir empiricamente, que era a esperteza de alguém, evoluiu, pois passou a ser possível dimensionar a inteligência das pessoas. (GARDNER, 1995).

Contudo, podemos encontrar versões mais aprimoradas deste tipo de exame, dentre as quais está a SAT, denominada de Teste de Aptidão Escolar. Tem uma medida parecida com a do teste de Q.I e é muito utilizado por programas referentes a superdotados, em que se adota uma determinada quantidade que permite a admissão do indivíduo. Além deste, muitos outros medidores foram surgindo, como o Teste de Analogia de Miller, o Teste de Avaliação Acadêmica e os variados testes dos níveis de ensino, nos Estados Unidos, todos com base nas técnicas relacionadas a testes de inteligência. (GARDNER, 1995). Infelizmente, muitas das avaliações que focalizam na aferição da inteligência possuem semelhanças com os conhecidos testes de inteligência, de acordo com Gardner (1999, p. 13), mas são as reais tentativas de aferição das inteligências que, ainda segundo ele, devem continuar propalando-se futuramente.

Partindo da visão unidimensional desse modelo de analisar o intelecto, Gardner (1995, p. 13) destaca uma escola com um tipo de olhar análogo, que ele denomina “visão uniforme”. Neste tipo de escola, o currículo é o considerado ideal, as disciplinas escolhidas por eleição são mínimas, suas avaliações são tradicionais, em que se utilizam lápis e papel e

sobressaem-se aqueles estudantes ditos melhores, os prováveis possuidores dos mais elevados Q.Is. E são estes os que usufruem dos maiores privilégios, seja por poderem fazer cursos que os levam a aprofundar-se em questões que consideram a criticidade na leitura, a reflexão e o cálculo, seja no ingressar nas melhores universidades, e mais à frente, não necessariamente, alcançarem sucesso em sua vida.

Todo esse desenrolar acaba por ser preocupante, isto porque os exames de inteligência são apenas um detalhe no mundo cognitivo. Os testes de Q.I são bastante precisos em seus resultados no que diz respeito ao êxito escolar, entretanto, no que se refere ao sucesso profissional, ele não possui mérito satisfatório.

Podemos constatar isso a partir de um exemplo apresentado por Gardner (1995, p. 20) que relata que duas crianças, através de um teste, foram classificadas, uma com inteligência mediana e outra com inteligência mais elevada, e desta última se esperava um melhor desempenho durante sua instrução formal, e embora o tenha acontecido, em sua vida profissional isso não ocorreu. O sucedido foi: o menino classificado como mediano tornou-se um bem-sucedido engenheiro mecânico, considerado um indivíduo talentoso por todos, enquanto a menina tida como a aluna “superior”, não alcançou tanto sucesso quanto o esperado, não fracassou, mas é vista por seus iguais como bastante “comum” em suas realizações adultas.

Isto mostra que um dos maiores erros cometidos por quem se baseia nestes testes é confiar que eles irão medir e esclarecer o nível intelectual e, conseqüentemente o sucesso da pessoa testada, porém, percebemos que não é bem assim. Pensar que uma pessoa terá grande êxito por realizar um exame e ele apontá-la como alguém altamente inteligente, pois foi capaz de resolver corretamente questões, em sua predominância lógica ou linguística, é no mínimo um equívoco.

Claro que também não significa que o indivíduo não tenha habilidades bem desenvolvidas, apenas que é preciso ter maior sensibilidade e atenção ao considerar as capacidades humanas. Geralmente, as pessoas que estes testes favorecem são aquelas possuidoras de uma maior facilidade nas áreas da lógica e da linguística, mas há quem possua uma maior desenvoltura na música, na coordenação motora, na realização criativa, enfim, o ser humano por completo, não é tão simples de ser medido, é um tanto complexo, talvez chegando a ser até mesmo uma incógnita que deve ser sempre investigada e cada vez mais conhecida.

Gardner (1995) relata que inicialmente os testes de Q.I eram tidos apenas como um simples instrumento que predizia quais alunos teriam melhor desempenho escolar e quais teriam dificuldades, no entanto, a situação se agravou quando tais pensamentos foram além, se

expandiram, alcançando e introduzindo-se como um detalhe curricular. Ele inclusive faz a seguinte afirmação:

Onde outrora havia um simples instrumento utilizado para um propósito definido, nós atualmente temos centenas de testes padronizados de lápis e papel utilizados para vários propósitos, desde a educação especial até a admissão na faculdade e comparações tipo “cartazes” entre as nações. (GARDNER, 1995, p. 64)

Ou seja, a influência que os testes de Q.I trazem não são fracas, elas vão além, induzindo os métodos que acabam muitas vezes objetivando alcançar excelentes resultados baseando-se apenas em um aparato que reflete uma pequena parcela da mente e do todo humano. E isso é somente uma parte do porquê há uma necessidade em rever e analisar a educação: seu currículo, finalidades, metodologias, por fim, seu contexto geral.

Talvez o fato de se criticar os testes de Q.I e semelhantes e afirmar-se a existência de várias inteligências, atualmente reconhecidas, construa uma visão distorcida no que se refere às habilidades dos sujeitos. Isto porque pode-se chegar a acreditar - como alguns pensam - que a diferença é que agora, não se deve ter apenas um, mas diversos testes capazes de identificar tais inteligências. Mas isto já foi contestado e criticado pelo próprio Howard Gardner.

Ele diz que o conceito que se baseia quando o assunto é Inteligências Múltiplas - IM - vem de um conjunto de conhecimentos sobre as culturas e o cérebro humanos e não em definições e análises progressivas relacionadas a pontos de testes. (GARDNER, 1999). É preciso compreender o modo mais justo de se avaliar as inteligências, e um teste mecanizado com certeza não é a melhor. Visualizar as potencialidades humanas não é limitada a um teste, pois a vida não se resume a um lápis e a um papel, ela exige muito mais, exige que cada indivíduo esteja preparado para resolver e desenvolver-se em diversas situações, e de variadas maneiras.

Para se ter ideia do nível de necessidade em que se encontram as avaliações das Inteligências Múltiplas, Gardner (1999) relata que elas só devem ser concedidas se houver um motivo real para fazê-las, como a busca por saber se uma criança possui alguma deficiência cognitiva que provoque dificuldades em sua capacidade de aprender. Ele ainda destaca a importância do ambiente, ou seja, que o melhor cenário para as aplicar é aquele que traz conforto à criança, com materiais familiares, diferente de como costuma ser: inapropriado, sem contexto e sem familiaridade.

Há, inclusive, um comentário declarado por Gardner, no qual resume um pouco de como acredita ser a forma mais aconselhável e satisfatória para a realização das avaliações. Ele diz o seguinte: “Sinto-me mais confortável em avaliar as inteligências de uma criança

observando o seu comportamento num museu durante algumas horas do que lhe aplicando uma bateria de testes convencionais.” (GARDNER, 1999, p. 103).

Mais do que classificar capacidades por um instrumento específico como os testes, as medidas avaliadoras consideradas por Howard Gardner como justas são completas, considerando que elas tomam como contexto avaliativo os variados ângulos do sujeito ou fenómeno analisado. Vemos então, que há sim possibilidade de compreender melhor as inteligências sem forçá-las a passar por um procedimento unidimensional e que pouco vai definir, talvez até mesmo confunda.

Trazendo à realidade de como poderia ser feita esta abordagem, chamada por Gardner de “inteligentemente justa”, ele cita a ação de um programa denominado “Projeto Spectrum” em que se adotavam materiais familiares para as crianças e que as atraíam, levando-as a envolver-se com eles livremente (GARDNER, 1999). E através deste procedimento, muito se identificava nos indivíduos. Discorrendo um pouco sobre os resultados, Gardner (1999, p. 104) exemplifica:

[...] identificamos uma amostra de inteligência musical deixando que as crianças explorem melodias em atraentes sinos Montessori e fazendo-as aprender novas músicas.” As capacidades lógica, espacial e físico-cinestésica são avaliadas fazendo a criança desmontar e montar objetos domésticos conhecidos, como um apontador ou uma maçaneta.

Isto só demonstra a autenticidade neste método analítico, em que se realiza uma avaliação mais pertinente, possibilitando uma resultância aprimorada, com significado e validade. E partindo disto, Gardner (1999, p. 104) também incrementa a recomendação de “que qualquer inteligência fosse avaliada por uma quantidade de abordagens complementares que considerem os vários componentes nucleares de uma inteligência.” Pois com isto, por exemplo, “pode-se avaliar a inteligência espacial pedindo-se ao candidato que se oriente num terreno desconhecido, que resolva um quebra-cabeça abstrato e que construa um modelo tridimensional de sua casa”. (GARDNER, 1999, p. 104).

Diante de tudo abordado, concluímos que os testes de Q.I não devem ser considerados como medidores de capacidade, pois eles não possuem esta força. É preciso estimular as habilidades dos sujeitos de uma maneira que lhes trarão avanço e significância, sem que haja uma classificação por nível intelectual ou mesmo uma ilusão de que um ou mais testes específicos mostrarão o quão bom eles são e serão. A inteligência não é um objeto e os testes não são uma balança, nem conseguem avaliar um terço das potencialidades humanas, com isto, entendemos a importância de buscar compreender melhor o indivíduo em sua

integralidade e que os testes, sejam de Q.I ou outros semelhantes, não são a estratégia mais aconselhada.

2.2 Howard Gardner e a Teoria das Inteligências Múltiplas

Howard Gardner nasceu em 11 de julho de 1943, na Pensilvânia. Vem de uma família de judeus alemães refugiados do nazismo. Em 1961, ingressou na Universidade de Harvard para cursar Direito e História, porém, conheceu o Psicanalista Erik Erikson e resolveu mudar de carreira, transferindo-se para a área da Psicologia e Educação. No ano de 2005 foi eleito um dos 100 mais influentes intelectuais do mundo, pelas revistas *Foreign Policy* e *Prospect*. (ARAÚJO, 2019).

Gardner (1999) possui em sua bagagem a confecção de grandes obras como o livro sobre neuropsicologia *The Shattered Mind*, o seu primeiro escrito, por volta de 1974. Já em 1976 fez o esboço do livro *Kinds of Minds*, no qual desejava descrever os variados tipos de mentes existentes. Quando em 1983 lançou um livro proveniente de um projeto denominado Van Leer: *Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences*, em que expôs a teoria das Inteligências Múltiplas, levando a uma grande repercussão e a publicação de novas obras complementares. Há mais de vinte anos iniciou sua pesquisa. Ao observar americanos feridos na guerra, a fim de descobrir o que se havia preservado em cada um mesmo com as sequelas para um de seus trabalhos, ele percebera que, embora muitos mutilados física e intelectualmente, eles continuavam com certas capacidades que estimulavam e tornavam possível a realização nas áreas atingidas.

Ao formular sua pesquisa, Gardner (1995), chegou à conclusão de que a inteligência humana não estava limitada a um linha de pensamento apenas linguística e/ou lógico - matemática, mas que na verdade os seres humanos são dotados de potencialidades, sendo capazes de resolver problemas e de realizar diversos feitos, e que cada produto por eles produzido simboliza um pouco do seu intelecto. E a partir desta manifestação de ideia, ele trouxe ricos conhecimentos que estão crescendo cada vez mais e marcando fortemente a corrente convicção que se tem sobre a inteligência. Sua proposta tem trazido novas visões no âmbito educacional e até mesmo no que se entende por inteligência.

Se investigarmos profundamente, podemos perceber um pouco até onde a inteligência é capaz de chegar. Sua singularidade é real e seu uso é constante, pois é fundamental para resolver problemas. E embora a inteligência seja um elemento presente na vida dos seres humanos, ela se manifesta neles em e de diferentes formas.

Considerando a linha de pensamento de Howard Gardner, é possível ter acesso ao seu destacado ponto da pesquisa: as *Inteligências Múltiplas*. Estas são compostas por sete tipos: a inteligência musical; a inteligência corporal - cinestésica; a inteligência espacial; a inteligência pessoal, na qual fazem parte a inteligência intrapessoal e a inteligência interpessoal; a inteligência lógico - matemática; a inteligência linguística; e a inteligência natural. (GARDNER, 1995).

A inteligência linguística está ligada a sensibilidade das palavras e de seus significados, além das funções da linguagem, proporcionando facilidade ao disseminar ideias e realizar discursos. Carrega consigo a grande habilidade comunicativa, tanto oral como escrita. É interessante ressaltar sua universalidade e o quanto seu desenvolvimento nos indivíduos é significativo em todas as culturas. Esta, segundo Gardner (1995, p. 15) é o tipo de capacidade exposta mais integral, em especial, pelos poetas. Já a inteligência lógico-matemática trata daquela referente a facilidade quanto aos padrões, sistematizações e ordens. A agilidade em levantamentos hipotéticos, manipulações de símbolos e em segmentos de raciocínio, ou seja, a potencialidade matemática, lógica e até mesmo científica, caracterizam-na. (GARDNER, 1995).

Continuando as descrições, Gardner também classificou a inteligência espacial. Esta implica na habilidade em formar modelos mentais de espaços e da capacidade de conduzir e de realizar usando tais modelos. Tomando por exemplo profissionais que possuem este tipo de inteligência bem desenvolvida temos os cirurgiões, os marinheiros, os arquitetos e engenheiros, pintores e escultores, além de outros. Enquanto que a inteligência musical destaca-se pela capacidade para combinar, produzir e estimar ritmos e músicas. Ao ouvir diversificados sons, as pessoas que a possuem são capazes de identificá-los sem complicação. Geralmente, indivíduos com tamanha facilidade são considerados detentores de ouvido absoluto. (GARDNER, 1995).

Adiante, temos a inteligência corporal - cinestésica, a qual pode ser definida como a potencialidade da resolução de problemas ou mesmo, da elaboração de resultados por meio de parte ou do todo do corpo. Seus principais destaques são os dançarinos, os artistas, os cirurgiões, também, os atletas, enfim, diversas personalidades. Em se tratando da inteligência natural, sua habilidade é referente, como o próprio nome já diz: ao natural, à leitura de ambientes, ao biológico. Mais recentemente, Howard Gardner deu pulso a sua mais nova descoberta, a inteligência existencial. Sua atuação revela-se mais nas reflexões sobre a existência, os elementos ligados à vida. Suas questões relacionam-se ao espiritualismo e a filosofias. (GARDNER, 1995).

No caso da inteligência pessoal, que segundo Gardner (1995, p. 15) “não muito bem compreendidas, difíceis de estudar, mas imensamente importantes”, há uma certa divisão, isto porque ele as classifica em duas: a inteligência interpessoal e a inteligência intrapessoal. A primeira diz respeito ao entender o outro. Pessoas com este tipo de inteligência mais desenvolvida têm facilidade em interpretar os demais indivíduos, suas motivações, preferências, o que sentem, como interagem, como se relacionar com os eles; é comum em professores, vendedores, líderes, terapeutas. (GARDNER, 1995). É interessante informar que, segundo Gardner (1995, p. 27) “[...] esta inteligência interpessoal não depende da linguagem.”, mas que “[...] está baseada numa capacidade nuclear de perceber distinções entre os outros; em especial, contrastes em seus estados de ânimo, temperamentos, motivações e intenções.”

Já a inteligência intrapessoal, segundo Gardner (1995), baseia-se em um tipo mais individual, ou seja, é a potencialidade que os sujeitos têm em conhecer a si mesmo, internamente, de forma mais aprofundada. Gardner (1995, p. 28) afirma um pouco da experiência dessa inteligência (intrapessoal) e reforça suas características: compreensão e distinção dos próprios sentimentos e emoções de maneira que contribui no entendimento e orientação do comportamento que se tem e deve-se tomar.

Como exemplo destas inteligências, Gardner (1995) utiliza Anne Sullivan - referindo-se à habilidade interpessoal - e Virginia Woolf - inteligência intrapessoal - para descrever tais vivências. No caso da primeira, ele afirma que o seu entendimento referente a pessoa da pequena Helen Keller foi essencial para que ela se desenvolvesse, adquirindo até mesmo a linguagem. O que Gardner quis dizer é que para Sullivan alcançar este êxito com aquela menina cega e surda e de comportamento extremamente agressivo e selvagem foi preciso conhecê-la a ponto de entender a pessoa que a pequena Keller era. Tudo isto permitiu e facilitou o relacionamento e, conseqüentemente, o trabalhar de Anne com Helen.

Já Virginia Woolf traz consigo sentimento e emoções, momentos que ela vivenciou, ruins e bons e mostra seu grande potencial ao descrevê-los e ainda caracterizá-los, discernindo-os e compreendendo-os. Isto ela demonstrou ao descrever lembranças marcantes suas e mostrar seu conhecimento interno de cada uma. É interessante o que Gardner ressalta sobre esta inteligência. Ele diz que “Uma vez que esta inteligência é a mais privada, ela requer a evidência a partir da linguagem, da música ou de alguma outra forma mais expressiva de inteligência para que o observador a perceba funcionando.” (GARDNER, 1995, p. 28). Com isso, podemos aperceber uma curiosidade também abordada por ele: a interação das inteligências.

De acordo com Rodrigues (s.d, p. 9), Howard Gardner afirmou a presença de todas as inteligências em nosso ser, isto é, trabalhamos com todas elas, contudo, é normal que

desenvolvamos mais fortemente cerca de duas delas e menos intensamente, uma. E que mesmo em atividades mais simples, acabamos por usar, no mínimo, duas delas. A partir do que foi abordado, é possível percebermos o quanto as inteligências, embora únicas, são ligadas umas às outras.

Gardner (1995) esclarece esta correlação existente ou não entre as inteligências ao afirmar a independência delas, como por exemplo, ao realizar uma pesquisa com adultos que sofreram dano cerebral, foi possível perceber que mesmo com certas faculdades atingidas, outras encontravam-se intactas. Com isso, mais uma vez é possível confirmar a ilógica e o contraste referente ao conhecido teste de QI, e subtestes que fazem jus a este, afinal, não seriam suficientes para detectar quais estados cognitivos daquelas pessoas haviam sido afetados ou não. Entretanto, é inegável e evidente a forte combinação entre as inteligências. Ou seja, ainda que elas se encontrem independentes umas das outras, elas entrelaçam-se, em principal, quando a questão é cultural e social.

Um exemplo é a realização de algo que utilize em alto grau uma inteligência, como cantar em público. Ao se apresentar perante um considerável número de pessoas, além da inteligência musical, é indispensável que se utilize das inteligências corporal-cinestésica, linguística, interpessoal, e de certa forma, até mesmo a inteligência intrapessoal seja de boa necessidade nesta situação. Pensemos bem que, apresentar-se em público para muitos não é fácil, e considerando, por exemplo, uma disputa musical, em que é preciso enfrentar muitos participantes. É importante comunicar-se bem, manter expressões que convençam a quem ouve, e não menos importante, procurar equilíbrio emocional para e ao se expor, de uma forma que demonstre segurança e um diálogo construtivo, sabendo lidar com o momento e com quem está a sua volta, buscando atingir os objetivos almejados.

Aonde queremos chegar com tais colocações? Tudo isto nos leva a compreender melhor que o ser humano não é como uma máquina de lavar louça que lava apenas isto ou uma máquina de lavar roupa que é capaz de exercer apenas esta tarefa, mas que ele é constituído, segundo Gardner (1995, p. 30), por “[...] uma coleção de aptidões, e não como tendo uma única faculdade de solucionar problemas que pode ser medida diretamente por meio de testes de papel e lápis.” E um ponto curioso que Gardner (1995, p. 30) afirma também é que mesmo não sendo bem-dotado em qualquer uma das inteligências, a conciliação delas leva o indivíduo a poder ocupar uma boa e significativa posição, podendo conduzi-lo, *idem*, a uma determinada vocação.

Gardner (1999) também se posiciona quanto a origem da inteligência. Ele afirma não duvidar da sua base hereditária, no entanto ressalta a influência do ambiente e o grande peso que tem. Ele esclarece o quão é fundamental que as pessoas estejam expostas a ferramentas

que requeiram delas o uso do intelecto, mesmo sendo estas bem-dotadas e habilidosas nalguma inteligência. Destaca ainda o resultado de uma pessoa considerando as intervenções ambientais as quais tem contato: esta pode passar de um sujeito comum a um sujeito bem capacitado. “De fato, quanto mais “inteligente” o ambiente e quanto mais fortes as intervenções e os recursos disponíveis, mais capazes se tornarão as pessoas, e menos importante será sua herança genética.” (GARDNER, 1999, p. 111).

(continuar) O potencial intelectual desenvolvido por cada ser é complexo e chama a atenção. Não devemos pensar que as inteligências estão sempre voltadas a um único modo de manifestação. Citamos isto, porque o próprio Gardner (1995) ao ser questionado sobre a existência ou não de uma inteligência artística, ele expressa que não entende por errado tal conceito, mas destaca que nenhuma habilidade se resume especificamente ao ramo artístico ou não-artístico. Na verdade, elas podem se apresentar das duas formas, dependendo, claro, de como serão exploradas. Por exemplo, alguém pode utilizar a linguagem de um modo mais comum, como ao escrever um artigo, ou uma dissertação, como pode optar por usá-la de uma forma expressiva e metafórica, ou seja, numa linguagem artística. Ou mesmo a inteligência espacial que pode ser utilizada artisticamente por um escultor ou não-artisticamente por um cirurgião, um topógrafo.

Vejamos que tudo vai depender do ponto de vista em que a inteligência será empregada, e sim, é o indivíduo e até mesmo a cultura na qual está inserido que implicarão nesta questão. Isto porque, segundo Gardner (1995), o sujeito decidirá a maneira como utilizará suas habilidades, no entanto a força da cultura em cima da possibilidade de manifestação das inteligências será um ponto considerável, pois ela pode favorecer ou mesmo complicar e impedir seu uso. “Claramente, então, o exercício de uma determinada inteligência de maneira artística envolve um julgamento de valor.” (GARDNER, 1995, p. 46)

Vale ressaltar também que as inteligências não se limitam a um estilo, e que não devemos generalizar as atribuições intelectuais de cada indivíduo frente aos possíveis domínios relacionados a tais capacidades, por exemplo, não é porque uma pessoa sai muito bem em deduções - característica de um pensamento lógico-matemático – que ela também tenha propriedade ao lidar com questões que envolvam cálculos.

Frente ao que fora comentado neste capítulo, percebemos a importância de uma linha de pensamento que considere e estimule as capacidades dos sujeitos por completo. É crucial ressaltar a relevância de se trabalhar as habilidades dos indivíduos com o cuidado de não estereotipá-los, ou seja, não considerar apenas uma parte, como no caso de alguém que possui uma grande facilidade em comunicar-se, é preciso capacitá-la integralmente,

estimulando-a em todas as áreas e não somente na linguística por ser considerada como alguém detentora desta inteligência e pronto, pois “tal rotulação pode atrapalhar os esforços para se fornecerem as melhores intervenções pedagógicas para um bom resultado com um grande número de crianças.” (GARDNER, 1999, p. 114)

As Inteligências Múltiplas – IM, são uma teoria que ultrapassa o mecânico e monótono, pois trazem possibilidades que são capazes não só de mostrar mais profundamente as potencialidades dos indivíduos, mas também, oportunizam ao sistema escolar uma busca por estratégias que contribuirão mais significativamente com o ensino-aprendizagem das crianças. Acreditar nas diversas habilidades e investir nelas, de maneira eficaz, é o caminho que Howard Gardner e todos aqueles que compreendem e estimam seus estudos almejam alcançar.

2.3 A Inteligência e o Desenvolvimento Humano

Sabemos que o desenvolvimento humano se dá por um conjunto de ações e que necessita de inúmeros fatores para que ocorra de forma cada vez mais completa. Contamos com diversas contribuições, estudos e pesquisas, que mostram e explicam o desenvolvimento humano e seu processo, uma busca pela descoberta do homem em seus diversos atributos e em sua história.

A inteligência não terá um padrão único para cada indivíduo, ou seja, ela tem relação estreita com o desenvolvimento físico e intelectual dos sujeitos, independente da cultura ou da educação, o que prova que os seres humanos possuem determinadas capacidades cruciais em cada dita inteligência e que se manifestam universalmente. O que é importante destacarmos é o nível em que elas surgem, ou seja, elas podem aparecer mais fortemente em alguns, possuidores de tais domínios, como afirma Gardner (1995).

O fascínio que as habilidades do intelecto trazem são tamanhos e implicam em uma caminhada com distintas maneiras de manifestação e desenvolvimento. Por exemplo, Gardner (1995) traz em seus estudos declarações quanto aos estágios que a inteligência passa. Ele nos revela que a capacidade pura de padronizar está presente na fase inicial da vida, quando ainda somos bebês, sendo seguida pelo sistema simbólico, na outra etapa, em que a linguagem, a música, a percepção espacial, e o âmbito corporal são frisados através de meios como história e frases, canções, desenhos, danças e gestos, respectivamente.

Dando continuidade aos estágios, Gardner (1995) também diz que o sujeito atinge o sistema notacional, que passa a ser representado pela inteligência em concordância com os simbolismos anteriormente vivenciados. E é justamente em um ambiente educacional, segundo

nossa cultura, que esta etapa é concretizada, ou seja, torna-se o meio em que esse sistema irá ser dominado. E são nas fases da adolescência e da vida adulta que o auge desse desenvolvimento se firma. As inteligências passam a ser reveladas mediante atividades diversas, tanto profissionais como de entretenimento (hobbies).

Isso mostra a crescente progressão das inteligências, implicando no desenvolvimento humano de cada indivíduo, considerando que a matemática tem sua origem na padronização mental de um bebê e vai além, culminando em funções profissionais como um contador, um cientista, um matemático; enquanto a capacidade espacial também vai evoluindo, saindo de um mapa mental e de um desenho em um pedaço de papel no início da vida e transformando-se de tal forma que possibilita o surgimento de um jogador de xadrez, de um arquiteto, de um navegador, e muito mais, segundo Gardner (1995).

O desenvolvimento humano traz um legado de teorias que o faz ser conhecido através de inúmeros estudos que iniciaram a muito tempo atrás e que até hoje ainda estão em vigor, crescendo e desenrolando novas descobertas. Este tema foi bastante estudado e analisado pelo biólogo suíço Jean Piaget (1896-1980). Sua ligação com a ciência foi além do físico, pois ele acabou debruçando-se na psicologia ao estudar a epistemologia.

Piaget (1999) carrega uma vasta bagagem quando o assunto é a aprendizagem diferenciada, ou seja, ele possuía uma forte defesa em se tratando das experiências do indivíduo, de forma que ele as considerava essenciais para o seu desenvolvimento, tanto elas como o processo de pensamento, o que culmina na ideia da interação, isto é, na teoria do interacionismo. Para ele, a inteligência e a ação têm uma relação muito além do que possamos imaginar, de modo tal que a primeira existe na segunda, caracterizando um dinamismo com estágios sucessivos que se compõem pela gênese, pela estrutura e por fim, pelas mudanças das mesmas, como afirma Piletti, Rossato, S. e Rossato, G. (2014).

Com estudo e foco precisos, Piaget (1999) ingressou no mundo da evolução intelectual do ser humano e, com isto, contribuiu com demasiadas questões para nossos conhecimentos e facilitou as pesquisas em torno deste tema. Ele procura trazer o lado evolutivo da inteligência com base no pensamento de que esse processo é gradual e conduz a criança a atingir estruturas cada vez mais eficientes, construindo sua realidade, de forma que alcance conhecimento ativamente. (BIAGGIO, 2011 apud PILETTI; ROSSATO, S.; ROSSATO, G., 2014).

Aprofundando um pouco as convicções de Jean Piaget frente ao conceito inteligência, de forma geral, devemos considerar, segundo o próprio Piaget e Inhelder (2006) como afirmam Piletti, Rossato, S. e Rossato, G. (2014, p. 43),

o *maturacional* - do sistema nervoso e dos sistemas endócrinos, que possibilita a maturação orgânica quanto à ordem de sucessão dos estágios de desenvolvimento mental; a *experiência ativa dos sujeitos sobre os objetos*; e o *fator interacional ou transmissões sociais*, que envolve a experiência com as pessoas através da educação e da linguagem.

Com base nesta pontuação, percebemos que a visão de Piaget (1999) quanto ao desenvolvimento cognitivo é que ele se desdobra através dos fatores como o biológico, e o contato com o meio em que se vive. E este pensamento aprimorou-se de forma tal que seus estudos desencadearam uma linha não cronológica, porém sucessiva, isto é, trouxe a evolução do pensamento da criança a partir de estágios, em que vai ocorrendo de modo crescente e constante, como nos afirma Piletti, Rossato, S. e Rossato, G. (2014).

Entendemos então, que o desenvolvimento humano ocorre frente a um conjunto de ações que, tanto impulsionam o seu intelectual como são impulsionadas por ele. Em outras palavras, embora a base biológica tenha sua participação no desenvolvimento do sujeito, é importante a utilização de estratégias e de um ambiente satisfatório e bem preparado para estimular o cognitivo da criança, pois à medida que ela vai aprimorando suas habilidades, estas vão contribuindo para o seu crescente desenvolvimento.

2.4 Implicações das I.M para o desenvolvimento integral do indivíduo

Existem diversas teorias que explicam o desenvolvimento cognitivo humano. Ele traz consigo uma inúmera bagagem de crescimento, ideias, desafios, buscas e descobertas, implicando em um processo longo e fascinante. O desenvolvimento integral de um indivíduo proporciona a construção de um ser mais completo, amparado no conhecimento e na ação que, juntos, podem conduzi-lo a realizações diversas e transformadoras.

O desenvolvimento é um conceito abordado por variados estudiosos e que se ramifica trazendo especificidades. Papalia e Feldman (2003) afirmam que há, segundo os cientistas, três principais domínios, ou aspectos do desenvolvimento; são eles: físico, cognitivo e psicossocial; mas o que procuramos discutir neste trabalho é o desenvolvimento cognitivo, ou seja, aquele composto pela “Aprendizagem, atenção, memória, linguagem, pensamento, raciocínio e criatividade.” (PAPALIA e FELDMAN, 2003, p. 37).

É difícil falarmos em desenvolvimento cognitivo e não mencionarmos grandes figuras como Jean Piaget, Lev Vygotsky, Henri Wallon, entre outros. Nunes e Silveira (2015) trazem um pouco sobre os pensamentos destes três estudiosos quanto ao desenvolvimento. Elas afirmam que Piaget acreditava que as interações no ambiente possibilitavam o conhecimento

do meio, ou seja, o contato e troca recíproca sujeito - meio. Foi através de questionamentos e reflexões que ele chegou ao estudo de níveis de desenvolvimento distintos vivenciados pelos humanos, tanto intelectuais quanto afetivos.

Nunes e Silveira (2015) relatam ainda que, de acordo com Piaget (1999), o conhecimento é construído a partir da interação ativa do indivíduo com o meio, ou seja, é processual. Desta forma, podemos enxergar a importância que tem a relação da pessoa com o ambiente e o contexto no qual está inserida, tendo uma ideia de que o aprendizado acaba por ser um reflexo deste contínuo processo. “O desenvolvimento humano passa por estágios sucessivos de organização, no campo do pensamento e do afeto, que vão sendo construídos em virtude da ação da criança e das oportunidades que o ambiente possibilita a ela.” (PIAGET, 1999 apud NUNES e SILVEIRA, 2015, p. 42), o que nos confirma o pensamento da interação (social e ambiental) como um elo para o desenvolvimento dos indivíduos.

Outro grande estudioso que nos permitiu ampliar nossos conhecimentos referentes ao desenvolvimento cognitivo humano foi Lev Vygotsky que “propôs a investigação do desenvolvimento humano por meio do estudo da gênese (origem) do psiquismo, isto é, da dinâmica de sua constituição” (NUNES e SILVEIRA, 2015, p. 49). Com isso, ele traz sua teoria que

compreende que o desenvolvimento do sujeito, desde o início da vida, ocorre em virtude de um processo de apropriação que ele realiza dos significados culturais que o circundam, o que faz ascender a uma condição eminentemente humana, de ser de linguagem, consciência e atividade, transformando-se de biológico em sócio-histórico (VYGOTSKY, 1999 apud NUNES e SILVEIRA, 2015, p. 50).

Isto nos mostra que o desenvolvimento não é algo uniforme, mas que envolve um conjunto sistemático de interações, não só com o meio em que se está inserido, mas também com o outro. Podemos então considerar que a aquisição do conhecimento resulta de um grupo de fatores que trabalham juntos e culminam no desenvolvimento do sujeito.

E concluindo com mais um pensador, temos Henri Wallon que também muito contribuiu com sua teoria. Para ele, “o desenvolvimento humano se deve a fatores biológicos, às condições de existência (eminentemente sociais) e às características individuais de cada um, em uma relação de interdependência entre cada fator.” (WALLON, 1989 apud NUNES e SILVEIRA, 2015, p. 57). Temos então, a ideia de que o desenvolvimento dos sujeitos são um processo sistemático que engloba elementos biológicos, sociais e individuais.

Diante desta sucinta amostra de ideias sobre o desenvolvimento humano podemos reconhecer e considerar a dimensão que ele possui e conhecer um pouco sobre alguns pensamentos, mais destacados e influentes em nossa sociedade, e refletir no avanço que esse

conceito teve e sua percepção em diferentes visões, e claro, ter proporcionada uma melhor clareza no decorrer deste trabalho.

E frisando a questão do desenvolvimento do indivíduo, não podemos desconsiderar a possibilidade de ele ser trabalhado em conjunto com outros pontos como é o caso da educação integral. Sobre sua compreensão, nos fundamentamos no que é colocado pelo Centro de Referências em Educação Integral (s.d), que diz que ela

é uma concepção que compreende que a educação deve garantir o desenvolvimento dos sujeitos em todas as suas dimensões - intelectual, física, emocional, social e cultural e se construir como projeto coletivo, compartilhado por crianças, jovens, famílias, educadores, gestores e comunidades locais.

E a partir desta definição podemos, segundo Guará (2009), associar tal educação ao desenvolvimento integral de forma que se alcance oportunidades para o crescimento humano baseado em experiências sócio-históricas, na interdependência entre o processo, o contexto e a articulação das dimensões diversas da vida. Considerar o indivíduo por inteiro possibilita alcançar uma extensão mais rica e complexa do ser humano, pois facilita suas relações consigo e com o outro, além de proporcionar ao mesmo um conhecimento mais amplo e significativo.

E quanto que viver em sociedade é conviver com um conjunto de fatores que devem ser analisados, tais como o emocional, o cognitivo, o cultural, entre outros, refletindo estes nos relacionamentos existentes nesta sociedade. É por isso que, para uma melhor formação do ser humano é importante que haja um determinado investimento nestes paradigmas, de modo que proporcionem caminhos que gerem maiores oportunidades para os indivíduos.

Howard Gardner costuma deixar claro em suas obras, desenvolvidas através de muito estudo, a visão que tem frente à educação escolar. Ele chegou a afirmar o seguinte:

[...] tenha ou não o corpo docente ouvido falar na teoria das IM, eu mandaria com prazer meus filhos para uma escola que levasse a sério as diferenças entre as crianças, que compartilhasse o conhecimento das diferenças com as crianças e os pais, que encorajasse as crianças a se responsabilizarem por seu próprio aprendizado e que apresentasse as matérias de tal forma que cada criança tivesse todas as oportunidades de dominá-las e de mostrar aos outros e a si mesma o que aprendeu e compreendeu. (GARDNER, 1999, p. 115)

Com base nesta afirmação, podemos perceber a significativa relação que há entre o aprendizado e o método utilizado para alcançá-lo. É comum o uso de metodologias menos elaboradas e mais focadas no que o aluno deva saber e não no que ele sabe e como poderá aprender melhor. Estas práticas pedagógicas, como a aplicação de testes e provas, geralmente são mais fáceis de trabalhar, considerando que não trazem tantos desafios para a escola quanto um trabalhar mais focado no aluno como o construtor do seu conhecimento, por exemplo, pois, em geral, consideram mais e abstratamente um conteúdo que fora transmitido ao estudante,

desfocando a curiosidade e a completa capacidade existente em cada sujeito que compõe a sala de aula.

Talvez não seja tão simples a compreensão da ação de cada habilidade em cima do desenvolvimento intelectual e integral do homem, principalmente a ponto de trabalhá-las em cada criança. Talvez não seja tão fácil entender até onde vão as relações entre uma determinada inteligência e outra; até que ponto um domínio cognitivo pode atuar e influenciar outro. Gardner (1999) demonstra sua satisfação ao entrar em contato com estudos que dizem, por meio de especulações, haver uma certa associação relativa entre as inteligências. A musical e a espacial, por exemplo, identificou-se que havia situações que suas realizações exigiam o uso da imaginação ligada aos movimentos de objetos por parte de adultos que ouviam música clássica. Além da descoberta de que as crianças que estudam instrumento como teclado, destacam-se mais que muitos outros em situações que exigem o uso de operações espaço – temporais.

Apesar de tais pesquisas, Gardner (1999, p. 109) é bem claro quando declara que “ainda é preciso fazer muitos outros estudos, com controles apropriados.” Mas é importante esclarecer que não é por aparentar ter determinado domínio ou ser bem-dotada em alguma inteligência que a pessoa simplesmente desenvolverá realizações sem estímulos necessários. Na verdade, a existência de fatores que irão requerer tais inteligências são relevantes para seu melhor aperfeiçoamento e aproveitamento. Sem contar que pessoas, mesmo que não muito dotadas em certa inteligência, também poderão desenvolver-se em determinadas áreas quando estimuladas a exercer a inteligência. Como exemplifica Gardner (1999, p. 111) em sua obra *Inteligência: um conceito reformulado*, “[...] intervenções ambientais perspicazes podem transformar pessoas comuns em bons intérpretes ou especialistas.”

Podemos verificar que as Inteligências Múltiplas - IM desmistificam aquelas ideias monótonas de que há o mais e o menos inteligente; de que só o aluno que tira nota 10 nas provas da escola é o que sabe muito; de que todos conseguem aprender facilmente da mesma maneira mecânica: “quem aprende rápido é mais provido intelectualmente, enquanto o que aprende mais lentamente é menos provido”; enfim, desmistificam muitas ideias pré-formadas. E isto é positivo, pois abre a mente e nos leva a refletir mais sobre o que realmente é a inteligência e como aguçá-la em cada ser humano.

É necessário compreendermos que quando ainda pequena, na Educação Infantil mais precisamente, a criança deve encontrar na creche e na pré-escola um ambiente que lhe proporcione um desenvolvimento integral, isto é, que a criança entre em contato com aquilo que instigue sua socialização, seu físico, psicológico e emocional, de modo a complementar a conduta familiar e comunitária, como afirmam as Diretrizes Curriculares Nacionais da

Educação Infantil (DCNEI), com bases comuns estabelecidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2013). E as Inteligências Múltiplas são uma teoria que possui um forte significado para a educação, pois ela traz consigo um conceito abrangente que mostra as diversas capacidades do ser humano que o permitem ir além do que aparentemente lhe é possível, o que possibilita um trabalhar completo, tanto individual como coletivo.

Mas é relevante também considerarmos um ponto interessante e esclarecedor: a diferença entre o conceito de inteligência e o que muitos têm por domínio, pois ainda são termos confundidos ao ponto de acreditarem serem iguais. Gardner (1999, p. 105) é bem claro quando afirma que

uma inteligência é um potencial biopsicológico que temos por sermos membros de nossa espécie. Este potencial pode se realizar mais ou menos em consequência de fatores experienciais, culturais e motivacionais que afetam a pessoa. Em contraste, o domínio é um conjunto organizado de atividades dentro de uma cultura caracterizada por um sistema de símbolos específico e as operações dele resultantes.

Ou seja, acreditar que se tem uma inteligência que te influencia a um lado, unicamente, é perigoso, pois o domínio nada mais é do que um estímulo, a realização por parte dos sujeitos de algo culturalmente específico, por exemplo, no caso do xadrez, é um domínio e neste se usa um sistema lógico de raciocínio, ou no caso de ritmos sonoros, temos como símbolo específico, o sistema musical, além das operações em que podemos repetir uma jogada ou mesmo modificar uma nota ou receita. E tais domínios podem ser feitos com a utilização de diversas inteligências, como no caso da musicalidade, em que o seu desempenho envolve tanto a inteligência musical como a físico - cinestésica e a pessoal. (GARDNER, 1999).

Com todas as ideias que foram desenvolvidas neste capítulo, podemos entender que a inteligência se aprimora à medida que a exercitamos e a utilizamos, e para que isto ocorra é necessário um conjunto de ações, ou seja, é crucial que haja o contato com a ferramenta e com o estimulante, de forma que as habilidades de cada sujeito sejam trabalhadas e, com isto, haja um melhor desenvolvimento integral dos indivíduos.

3. EDUCAÇÃO, ESCOLA E CURRÍCULO: IMPOTANTES CONCEITOS VIGENTES

A educação carrega consigo um legado significativo para o desenvolvimento humano e, conseqüentemente, para a sociedade que a utiliza. Sem negar a influência econômica, ideológica e política, quando se vê que um país se destaca e cresce positivamente cada vez mais, investigue como funciona a sua educação e verás o quão desenvolvida é, enquanto em uma situação oposta, em que o país ainda enfrenta problemas de desenvolvimento econômico e social, verifica-se que a educação é uma das políticas sociais mais afetada, de forma que acaba não sendo suficiente para erguer aquela nação social e economicamente. Este capítulo busca abordar sobre o conceito de educação e sua funcionalidade, além de debater temas como a escola e o currículo, sua importância e relação com o social e trazer um pouco a reflexão da educação como espaço para formação dos sujeitos, com o fim de formá-los para viver melhor em sociedade.

3.1 A educação escolar e sua influência na sociedade

Assim como a ideia de inteligência difere conforme a teoria que a aborda, com a educação não é muito diferente. Segundo Costa e Schmitz (2002), ela veio modificando-se com o passar do tempo, sendo adotada de acordo com a finalidade desejada por um determinado povo. E ainda hoje, o contexto social influencia bastante a maneira como a educação será aplicada e compartilhada. É por isso que a intenção e o objetivo que se têm fazem toda a diferença quando o assunto é a relação sociedade - educação.

Diferente do que muitos pensam, educação não se limita a uma escola, apenas. “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.” (BRANDÃO, 2007, p. 9). Vemos nesta afirmação que a educação ultrapassa os muros da escola e nos cerca mais além do que muitas vezes pensamos ou percebemos.

Ela se ramifica e acontece de acordo com o meio e sociedade a qual fazemos parte. Devemos lembrar do papel do principal órgão educador: a família. Ela é o ponto de partida educacional. Uma criança já chega numa sala de aula trazendo consigo conhecimentos e reproduzindo valores e atitudes do meio no qual convive. Brandão (2007, p. 9-10) nos diz que a educação

existe em cada povo, ou entre povos que se encontram. [...] Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, sem classes de alunos, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos.

Diante de tal afirmação, podemos concluir a importância não somente de uma escola saudável, mas de uma família e um ambiente de convívio positivos para a criança, pois antes que o meio acadêmico faça parte de sua vida, ela já está aprendendo, vivenciando e somando experiências que vão além de uma sala de aula ou contexto escolar. Podemos então entender que a educação é como fragmentos que se unem e resultam na moldagem social de cada indivíduo.

A educação é constante e adaptável, e que à medida que ela vai se ampliando e ocupando seu lugar nas sociedades, ela acaba também proporcionando melhorias, já que “a educação constitui uma característica da realidade da economia, da sociedade e da cultura” (SACRISTÁN, 2003, p. 63). Deve exercer um papel social e cultural, de forma a levar os indivíduos a adquirirem conhecimentos e desenvolverem habilidades e, desta forma, serem capacitados, para os diversos reclames de sua vida na sociedade. No entanto, como mostra Libâneo (2006), continua havendo uma defraudação com a educação servindo como um meio de interesses e não propriamente como deveria ser de verdade: útil para o crescimento crítico e cultural da sociedade.

E ainda há a questão daqueles que possuem melhores condições financeiras e que, com isto, conseguem investir em uma instrução que lhe permite acessar espaços de formação mais elevados e de difícil acesso para a maioria da sociedade, enquanto uma grande massa da população, embora tendo acesso à escola, não conseguem galgar as mesmas oportunidades.

Existem quadros didáticos distintos em nossas escolas, ou seja, formas diferentes de se trabalhar os saberes organizados e tidos como necessários. Buscam-se firmar um ensino-aprendizagem competente, no entanto há algumas estratégias que são adotadas que acabam tornando o sucesso um objetivo mais distante de ser alcançado. Por isso, é importante a procura por conhecimento mais aprofundado e uma análise mais esclarecedora do contexto escolar, didática e pedagogicamente falando, visando sempre alcançar e proporcionar o melhor de cada sujeito.

A educação é, em suma, um campo permeável do qual podemos obter uma diversidade de elementos que contribuirão para o desenvolvimento de cada indivíduo. Ela é um caminho contínuo que se inicia na base familiar, segue o percurso até um referencial que promova ensino e aprendizado para que o sujeito possa ampliar seus conhecimentos para crescer e conviver melhor em sociedade, e que vai além dos muros de uma instituição de ensino.

Ela é um espaço formativo de grande importância, devendo ser um suporte para todos, visto que nela encontrarão meios para se desenvolverem melhor, para embarcarem nesta jornada que é viver socialmente, o que envolve o pensar, o trabalhar, o produzir, o divertir-se, o alimentar a imaginação e a criatividade, além das relações e interações, em que, juntos, levam cada sujeito a progredir, e à construção da sociedade.

3.2 A função social da escola

Quando falamos em educação formal é comum pensarmos logo na escola. Isto é compreensivo, pois ela é uma das maiores referências educacionais conhecidas e adotadas pelas sociedades. Mas nem sempre a escola foi uma opção, pois de acordo com Costa e Schmitz (2002), esta ideia começou a surgir na Idade Média, sendo antecipada pelo ensino através das experiências vividas e passadas dos adultos para as crianças. Houve então uma separação da escola e das experiências cotidianas, de forma que aqueles que pertenciam a nobreza aprendiam sobre determinadas áreas, enquanto aqueles que se enquadravam no meio menos privilegiado, ou seja, aos filhos dos trabalhadores aprendiam no contexto familiar os saberes necessários ao trabalho, sendo negado os saberes científicos e históricos, enciclopedicamente organizados.

E com o passar dos séculos até os dias atuais, a desigualdade educacional ainda requer cuidado e muita atenção, isto porque, mesmo que haja mudança, à medida que as épocas passem é perceptível a existência dessa condição, sendo a própria escola aquela que

reflete, em grande parte, as grandes desigualdades da organização social em que está inserida: uns poucos, de nível socioeconômico mais elevado, ultrapassam todos os níveis do ensino escolar; a grande maioria, filhos de trabalhadores, não consegue vencer as barreiras e perde-se pelo caminho, principalmente durante as séries iniciais. (COSTA e SCHMITZ, 2002, p. 32)

Com base nisso, podemos concluir que o déficit qualitativo educacional em nossa sociedade tem uma raiz mais voltada a desigualdade econômica, que acaba refletindo no contexto social e culminando vulnerabilidades de acesso a oportunidades em campos variados, pois mesmo que a percentagem mais humilde da população tenha acesso à escolarização, ainda é preciso superar algumas barreiras como as condições estruturais precárias, falta de recursos didáticos e tecnológicos, a violência que cerca a vida de muitas dessas crianças, o trabalho infantil, entre outros pontos.

A realidade é que nossas escolas carregam consigo um sistema de ensino um tanto desigual, o que acaba prejudicando a qualidade da educação escolar. Libâneo (2006) toma a escola como objeto de estudo e afirma haver a existência de dois tipos de análises: a externa e

a interna. Na primeira ele diz ser uma avaliação de fora para dentro, de forma a olhar a escola de maneira geral, considerando os aspectos sociais, culturais e econômicos, além dos institucionais das políticas educacionais, da legislação, do modo gestacional do sistema de ensino e das diretrizes curriculares.

Quanto a segunda, Libâneo (2006) afirma que se concentra na abordagem dos objetivos, dos conteúdos, das metodologias e das ações curriculares e organizativas, dos processos internos da escolarização, ou seja, da avaliação das aprendizagens, e claro, levando em consideração o contexto social do indivíduo, tanto o particular quanto o geral. Ele declara também que as análises externas acabam tendo uma atenção maior que as internas trazendo um certo prejuízo à qualidade educacional escolar. E desta situação, se têm algumas consequências como

a desatenção, o despreço aos aspectos pedagógico-didáticos da escola por parte dos órgãos normativos do sistema educacional, dos planejadores e dos gestores que integram os órgãos intermediários em âmbito federal, estadual, municipal e, também, do meio intelectual do campo da educação. (LIBÂNEO, 2006, p. 72)

Isto nos mostra o quanto ainda é necessária uma organização pedagógica mais ampla e inclusiva, ou seja, que proporcione uma relação entre o externo e o interno, considerando a importância de ambos os aspectos. Pois, para que haja uma educação mais satisfatória, é fundamental que se tenha acesso ao conjunto das questões: as sociais e gerais e as individuais e específicas.

Aprofundando o aspecto interno, Libâneo (2006, p. 72) diz que “é na ponta do sistema de ensino que as coisas efetivamente mudam, e se pode constatar o que os alunos aprendem, como aprendem e o que fazem com o que aprendem.” E mais, ele ainda afirma que é no ambiente escolar que se identificam questões essenciais como o saber a estimativa da leitura dos alunos, o quanto sabem ou não ler, ao mesmo tempo que é nele onde podem ocorrer mudanças, melhorando o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes.

Mas para que isso aconteça é importante que estas transformações garantam tanto a qualidade do ensino-aprendizagem como levem em consideração os aspectos gerais, ou seja, os institucionais, os políticos, os culturais e os econômicos. Sendo assim, as políticas educacionais deveriam, antes de tudo, levar em conta a escola e a aprendizagem, ainda mais por seu caráter endógeno, isto é, de dentro para fora, segundo afirma Libâneo (2006).

Mas, infelizmente, a realidade é outra. Nossas escolas públicas podem sofrer ainda com descasos, evasões, precariedade e problemas estruturais, falta de recursos didáticos, desvalorização salarial e do profissional da educação, trabalho precário e falta de preparação e formação dos professores, além de muitas vezes desconsiderarem o educando como sujeito que

deve ser ter seus saberes considerados como ponto de partida para a organização do ensino. No entanto, isto não significa que uma mudança não possa ocorrer; na verdade, é justamente por ainda haver estas situações que há uma maior necessidade da existência de um olhar cauteloso e compromissado com nossa educação por parte de todos aqueles que contribuem para que ela aconteça.

Considerando este contexto, fica claro a necessidade de maior assistência e atenção por parte das políticas educacionais para com as escolas e com aqueles que fazem parte dela, ou melhor, que contribuem para a sua existência: os profissionais como os professores, e os alunos, além das precisões que a cercam. E isso tudo, segundo relata Libâneo (2006), soma-se a ausência de cultura pedagógica dos governantes e políticos em geral no que diz respeito a influência que a educação e a cultura têm no desenvolvimento da sociedade e do país. É relevante entender que é preciso haver um diálogo entre as políticas educacionais e os profissionais das escolas para que se considere muito mais, e os objetivos das instituições de ensino sejam alcançados com maior excelência.

E tudo isso, na verdade,

Trata-se de definir, com base na teoria pedagógica, a orientação da formação humana e as diretrizes de organização das situações educativas e, depois disso, estruturar as formas pelas quais se inter-relacionam as políticas educacionais, a organização e gestão das escolas e as práticas pedagógico-didáticas na sala de aula. Esta seria a tarefa primordial de pedagogos e profissionais do currículo. (LIBÂNEO, 2006, p. 78)

Mas infelizmente ainda há uma dificuldade persistente nos meios científico e profissional no que diz respeito ao campo extenso que engloba a escola: o que ela é, a sua funcionalidade e precisão, e como consequência, encontramos uma polarização dos métodos, tanto teóricos como práticos, segundo Libâneo (2006), em que se começa pelos currículos, passando pelas metodologias e findando nos resultados de aprendizagem dos estudantes. O que deve refletir bastante cuidado, isto porque, essa polarização provoca uma separação entre a retórica e a prática, e muitas vezes, têm-se discursos generalizados, mas desconhecimento pedagógico-didáticos.

Isso pode levar a fragmentação entre a emancipação do professor e sua formação. Esta última acaba ficando a desejar, visto que condições como tornar o professor um líder dotado de conhecimento, inclusive político, participante de momentos importantes e decisivos da escola, formador de opiniões, entre outros acaba sobressaindo-se quanto a sua capacitação para atuar a favor do aprendizado dos estudantes e sua preparação como indivíduos autônomos e formadores de ideias, ou seja, o professor pode até emancipar-se, mas não se investem em

uma qualificação mais precisa e satisfatória, relevante para tornar os alunos independentes. (LIBÂNEO, 2006).

Mas mesmo com toda dificuldade é importante que foquemos nas necessidades de nossas escolas como onde deve ser trabalhado, o que deve ser modificado, como faremos mudanças, pois elas continuam exercendo um papel fundamental. Não podemos esquecer que “as escolas são organizações profissionais, nas quais os objetivos políticos viabilizam-se pelo cumprimento de sua especificidade: ensinar. (LIBÂNEO, 2006, p. 80). É fundamental entender que na escola se ensina e se aprende, se socializa e se interage e que ela deve ser organizada pedagógica e didaticamente. Devemos reconhecer que nela o sujeito enriquece suas experiências, isto é, ela deve trazer uma bagagem transformadora para os indivíduos. Como relata Libâneo (2006, p. 93),

o objetivo da escola é propiciar as melhores condições possíveis de aprendizagem, é fazer um bom planejamento com base em um currículo básico comum, buscar metodologias adequadas, inclusive de acolhimento às diferenças, e colocar as aulas nas mãos de professores competentes.

E para atingirmos esses objetivos, é preciso considerar com maior cuidado o meio escolar e suas finalidades, pois seu papel na vida de cada indivíduo é de relevante valor, de um modo que possibilita ao sujeito alcançar pontos cruciais para o seu desenvolvimento, de forma mais aprimorada, como a aprendizagem e o seu processo. E vale ressaltar que a aprendizagem é construída, ela proporciona mudanças no cognitivo do indivíduo, e é através do ensino que se consolida, ou seja, a partir da ação exitosa do conjunto escola e professor, como afirma Libâneo (2006).

Mas também lembremos que para uma instituição de ensino ser completa é necessário impor as políticas que a organizam e a fazem alcançar seus objetivos. No que se refere a estas políticas para a escola, Libâneo (2006, p. 82) as têm como

a definição de objetivos sociais e culturais para a escola, as capacidades a formar, as competências cognitivas e habilidades, os formatos curriculares, as metodologias de ensino, as práticas de organização e de gestão da escola, as condições profissionais que asseguram os objetivos e os melhores resultados de aprendizagem, os níveis esperados de desempenho escolar dos alunos.

Vemos que as políticas escolares são de tamanha importância e influência, tratando de áreas indispensáveis para um bom processo de ensino-aprendizagem e que sua desvalorização pode gerar consequências neste processo como problemas nos indivíduos que frequentam ou frequentaram a escola, podendo ter dificuldades em interpretação de texto, pouca educação social e ambiental; realidade esta que deve ser modificada e transformada, de forma

a trazer ao contexto escolar os seus objetivos primordiais: ensinar e aprender, socializar e incluir.

José Carlos Libâneo (2006) declara em seus escritos motivos que causam problemas em nossas instituições de ensino. Ele cita:

a falta de domínio de conteúdos por parte dos professores, com práticas docentes obsoletas, com o não-enfrentamento das diversidades social e cultural dos alunos, com a avalanche de novas tecnologias da comunicação e informação, como as deficiências de gestão da escola e do currículo. (LIBÂNEO, 2006, p. 82)

Diante de tantas questões, também não podemos deixar de fora a consciência de que muitas escolas adotam modelos distintos uns dos outros, ou seja, mesmo possuindo os mesmos objetivos, a forma como desenvolvem suas didáticas e estratégias, como constituem seu currículo e claro, como contribuem para a internalização de conhecimentos por parte dos estudantes distingue-se. Mas é sempre importante esclarecer que muitas medidas tomadas nem sempre se mostram as melhores, pois terminam por não oferecer um bom ensino e uma boa aprendizagem.

É relevante sempre refletir no que será ministrado e como serão desenvolvidas as estratégias de ensino metodologicamente falando. A intencionalidade e a organização neste momento são imprescindíveis, afinal, “O que confere qualidade ou não e ao sistema de ensino são as práticas escolares, as práticas de ensino.” (LIBÂNEO, 2006, p. 83).

Além de problemas políticos, também encontramos nas escolas problemas técnicos que certamente acabam por ser ainda maiores. Libâneo (2006) comenta que estes problemas mais específicos são aqueles mais relacionados ao contexto escolar que acarreta competências teórico - metodológicas, como se dá a atuação em si, como ocorre, como se age moralmente, modo de saber fazer, enfim, traz consigo a relevância destes elementos para se formar e conduzir uma escola que proporcione um trabalho de qualidade resultando em uma aprendizagem também qualitativa para todos os alunos.

E para que isso melhor aconteça, é imprescindível conhecer o ambiente escolar e o que o compõe como a importância e a função do professor, quais as melhores formas e estratégias de ensino para que o estudante tenha um aprendizado mais satisfatório, como é a gestão, a sua organização, e o quanto mais for necessário saber para poder se ter a chance de transformar cada escola em um ambiente sadio, incluyente, preparatório e proporcionador de oportunidades.

Compreender e considerar todos os pontos necessários para construir uma escola e fazê-la acontecer é básico, embora não possamos negar que é mais complicado do que se imagina. É preciso saber trabalhar em equipe, lidar com conflitos e desfazê-los, demonstrar uma

certa sensibilidade ao outro, principalmente aos alunos, acompanhando-os com atenção e dedicação, procurando atendê-los da melhor forma, levando-os a um aprendizado mais excelente, proporcionando-lhes autonomia, preparando-os para sua independência e cidadania, sem contar na relação entre aqueles que compõem a instituição profissionalmente e as famílias daqueles que a compõem academicamente, enfim, são muitos os desafios, mas que devem ser encarados por toda a comunidade que trabalha e coopera com e pela educação. Isto é, por todos.

É preciso ter muito cuidado na forma como estamos tratando a educação. Será que ela realmente está atendendo o outro? Será que as escolas realmente estão cumprindo o seu papel de promover o ensino-aprendizagem e contribuir para o desenvolvimento completo do aluno? Também é importante que sejam analisados todos os aparatos que compõem o contexto escolar, desde a política educacional e o currículo até o mais simples material didático, para que façam da escola um ambiente significativo como deve ser.

Mas uma questão levantada é: que rumo nossas escolas têm tomado no referente aos seus estudantes? Será que há um olhar mais amplo e profundo no indivíduo ou ainda há oposição, com uma certa divisão por nível de sucesso escolar? Não é benéfico ter a escola como um pódio, onde se visibiliza uns, considerados melhores e põe-se despercebido àqueles que não atingem tamanho sucesso, pelo menos não tão rápido.

As instituições de ensino precisam, antes de tudo, ter a convicção da relevância do coletivo e do individual. Também é preciso compreender que o conjunto de ações que fazem a escola acontecer devem ir além das salas de aula. Carvalho (2005, p. 107) afirma que “entender a escola como um campo de possibilidades em aberto é um passo fundamental para trabalhar o respeito ao outro na escola, entretanto não é suficiente para transformá-la.” Com isso, podemos perceber a complexidade existente no campo educacional, que necessita de uma atenção mais ampla para se constituir completo e suficiente.

Um trabalho bem elaborado, com um grupo que saiba trabalhar unido, mas também no individual e que entenda as necessidades dos estudantes que os cercam e procure lidar da melhor maneira possível com seus conflitos e precisões, progressos e sucessos, coletiva e individualmente falando, é o mais adequado caminho a se tomar para alcançar um bom resultado como instituição de ensino e devolver à sociedade um sujeito capaz e felizmente apto a integrá-la.

3.3 A organização das práticas educativas a partir do currículo

É através do currículo que a escola desenvolve suas rotinas e estratégias de ensino-aprendizagem. Ele é um elemento essencial na construção escolar e deve ser instituído com todo o cuidado, considerando sua estrutura, organização e claro, intencionalidade, além de sua aplicação, em que se deve buscar a melhor maneira de executá-la, com uma didática e estratégia que proporcione um bom crescimento significativo, ao invés de desconstruir e querer apenas impor uma única forma de raciocínio a um grupo tão extenso de diferentes cabeças, com distintas habilidades.

O currículo é uma ferramenta essencial para o funcionamento de uma instituição de ensino, afinal, ele “constitui o núcleo definidor da existência da escola. (ALMEIDA, 2018, p. 9). Considerando o currículo histórica e culturalmente, relacionando-o à escola e à sociedade, é possível concluir, segundo Almeida (2018, p. 7), que “currículo escolar é - em qualquer circunstância - o conjunto de aprendizagens que, por se considerarem socialmente necessárias num dado tempo e contexto, cabe à escola garantir e organizar.” Podemos então reforçar a ideia da relevância que tem um currículo e que suas análises e transformações são precisas sempre que encontradas novas ideias que contribuirão ainda mais com o aprendizado, e claro, de acordo com o contexto em que é solicitado.

O currículo traz uma extensa bagagem, que de acordo com Pedra (1997) iniciou-se no século XX, nos Estados Unidos, no período referente a tomada impulsiva da industrialização e da mão-de-obra necessária, considerando diversos atributos, até mesmo a transformação do conhecimento em uma prática voltada à indústria. Hoje, temos o currículo como um suporte fundamental que basifica, orienta e guia o contexto escolar. Por isso há importância em analisar e, se preciso, reanalisá-lo para que ele traga o significado que realmente deve transmitir.

Mas um fator que implica bastante na aplicação exitosa ou não do currículo é a cultura. Isto porque, segundo Pedra (1997, p. 45) “A cultura [...] não está constituída somente por conhecimentos factuais; ela inclui, também, o modo como os indivíduos e os grupos sociais representam tais conhecimentos” (BERGER e LUCKMANN 1974, e BERGER 1989), e o currículo traz em si a cultura na qual foi produzido, e com isso, ele não se limita a apenas conhecimentos organizados no formato de disciplina. Ele vai além. No currículo devem estar contidas também as concepções de vida social e as relações sociais pertencentes aquela cultura, como afirma Pedra (1997). Com tais ideias é possível chegarmos a uma organização e um contexto escolar mais preparado, fornecedor de oportunidades e estratégias e contribuidor para a construção de conhecimentos.

Mas é importante lembrar que o modo como se dará a execução do currículo conta muito no resultado. O currículo é direcionador das ações da escola e isto reflete em efeitos, muitas vezes, congruentes ou distorcidos, isto porque a didática utilizada em sala de aula implica bastante na internalização por parte do aluno do que fora explanado, claro, em conjunto com suas particularidades. Desta forma, podemos ter como consequência um aprendizado mais significativo, mesmo que por meio de um processo mais trabalhoso ou um aprendizado mais mecânico, com o risco de não ser satisfatório.

A grande e real correlação escola-currículo traz pensamentos e divergências. Há quem compreenda o currículo como algo voltado ao professor como é o caso de Dewey e há quem discorde, defendendo tal elemento como um ponto dado ao aluno, como Bobbit; mas por fim, a conclusão acertada acabou por ser a do currículo como um conceito polissêmico, ou seja, possui vários significados, conforme afirma Pedra (1997).

Mas mesmo dividindo opiniões, o currículo deve ser visto, antes de tudo como um conjunto de possibilidades. Embora uns acreditem que ele esteja mais voltado ao professor e outros pensem ser mais ao aluno, é interessante considerá-lo além desta limitação, de uma forma que vejamos nele um meio que contemple mestre e estudante.

Pedra (1997, p. 31) recorre a variados autores para nos apresentar definições de currículo, vamos ver em sequência: para Johnson (1967): “é uma série estruturada de resultados buscados na aprendizagem”, Kearney e Cook (1969) “todas as experiências que os estudantes desenvolvem sob a tutela da escola”, e por fim, (STENHOUSE, 1995, p. 5) “O currículo é um intento de comunicar os princípios essenciais de uma proposta educativa de tal forma que fique aberta ao exame crítico e possa ser traduzida efetivamente para a prática”.

Fazendo uma síntese do que foi exposto até aqui, percebemos que o currículo é um elemento crucial para a organização das atividades da escola. Ele vai além de um conjunto de conteúdos, e deve ter em sua base um olhar mais sensível e orientador, que considere o indivíduo por completo.

4. UMA ESCOLA VOLTADA PARA FORMAÇÃO INTEGRAL

Howard Gardner traz-nos diversas reflexões através da teoria das inteligências múltiplas que nos mostram que as capacidades dos seres humanos vão além do que muitos entendem por inteligência. Mas são estes limitados entendimentos, entre outras questões, que muitas vezes definem o que e como será ensinado e aprendido o conhecimento. Este capítulo procura trazer um pouco sobre a realidade em que se encontram nossas escolas. As análises foram realizadas considerando a Teoria das Inteligências Múltipla, a qual consideramos ser um importante parâmetro para organização curricular e percepção das potencialidades dos educandos.

4.1 Metodologia

Com o intuito de bem explorar o tema escolhido para a pesquisa, optamos por ir além de uma análise bibliográfica, realizando uma pesquisa de campo através de um estudo de caso. O estudo de caso “é encarado como o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos.” (YIN, 2001 apud GIL, 2002, p. 54). Vemos então neste recurso de pesquisa uma possibilidade de enxergar mais fundo o que nos cerca, enquanto observamos e refletimos, através de diversificados propósitos como “descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação.” (GIL, 2002, p. 54)

E, para completar e enriquecer nosso trabalho, realizamos uma entrevista com a professora da turma. Fundamentamos nossa escolha pela entrevista, por considerarmos ser um instrumental “destinado a fornecer informações pertinentes a um objeto de pesquisa (MINAYO, 1994)” (FREITAS; JABBOUR, 2011, p. 16), e, em comparação as demais técnicas de interrogação “é a que apresenta maior flexibilidade.” (GIL, 2002, p. 117). É importante salientarmos que buscamos realizar entrevista com as duas docentes que atuavam na turma, mas apenas uma delas, a PRA, aceitou o convite e voluntariou-se para responder a entrevista. Esta foi a professora que estava substituindo a titular. Ela respondeu todas as perguntas feitas e expôs um pouco de seus pensamentos referentes ao que estava sendo questionado e estudado.

4.2 Local da pesquisa

Como já esclarecido, a instituição escolhida para a realização da pesquisa de campo foi uma escola municipal de Fortaleza. Atende a Educação Infantil, Ensino fundamental - anos iniciais e anos finais e EJA. Um local amplo, com um ótimo espaço para circular e, inclusive, para fazer atividades, no entanto, a área recreativa era precária, com uma quadra a céu aberto desestruturada, além de ser descoberta, o que favorecia o acúmulo de água quando chovia, tornando a região inapta para as crianças brincarem.

Os banheiros também se encontravam em uma situação insatisfatória, inclusive um deles estava interditado na época da pesquisa. A cantina era semelhante a uma cozinha, onde as crianças entravam e lá tinham acesso a bebedouro e ao lanche, que variava dependendo do dia.

Possui sala dos professores, direção e coordenação, biblioteca, corredores e sala de recursos multifuncionais, onde ocorre o atendimento educacional especializado – AEE, e uma vasta área sem construção. Algo que nos chamou atenção foi uma parte da escola que possui uma grade em que uns alunos, no intervalo das aulas, durante algumas brincadeiras subiam e pulavam para o outro lado, que dava acesso à quadra a céu aberto. Uma atitude que representa perigo, considerando que é um local em que circulam crianças e que algumas delas utilizam tais grades durante suas brincadeiras.

Apesar das precariedades, a escola, pelo seu tamanho, possui uma boa estrutura, embora insatisfatória na conservação, pois ainda há muito o que melhorar em sua manutenção. Com uma área ampla, muito poderia ser feito, aprimorado e mesmo explorado. Infelizmente, esta é uma realidade que se não for investida e mudada, apenas somará mais dificuldades em nossas escolas, pois além do ensino, o ambiente também é um fator importante para um bom aprendizado, pois nada como estar inserido em um contexto estimulante para se alcançar um desenvolvimento mais significativo.

4.3 A turma pesquisada

A turma do 3º ano do ensino fundamental era composta por 24 alunos, 12 meninas e 12 meninos, com idade média de 8 anos, algumas crianças agitadas e outras mais calmas. Havia quem não soubesse ler e encontrava-se fora da faixa etária daquela série. As aulas ocorriam das 13:00 às 17:00 horas.

A metodologia de trabalho da professora partia da adoção de livros didáticos e com a exposição de conteúdos de maneira tradicional, em que a professora ministrava aulas expositivas, falando a maior parte do tempo e as crianças apenas escutavam, passivamente. As observações das aulas e do ambiente de sala ocorreram durante uma temporada de 45 dias, duas vezes por semana (às segundas e às sextas-feiras).

Inicialmente, a turma contava com a presença de duas professoras: a PR-A, que ministrava as aulas de português, história, geografia, religião, artes e até mesmo recreação, e a PR-B, que ensinava matemática e ciências. As aulas eram conduzidas pela professora regente A (PR-A), que nos recepcionou, mas por motivos de saúde precisou ausentar-se por um determinado período, entrando de licença, pouco tempo após o início das observações, com isto, foi substituída por outra pedagoga, a professora regente B (PR-B). Ela, como a primeira, foi bem receptiva, mostrando-se respeitosa e solícita no que foi necessário.

Toda a pesquisa de campo foi realizada nos locais onde as aulas aconteciam. Acompanhamos e observamos o decorrer de cada uma, as estratégias de ensino utilizadas, as colocações, ou seja, comportamento e desempenho dos alunos durante as aulas, além, claro, um pouco da realidade enfrentada por aquelas crianças no contexto escolar no qual estavam inseridas.

4.4 Análise dos dados

A turma do 3º ano tinha seus horários de aula divididos da seguinte forma: às segundas-feiras eram ministradas as aulas de Português, no primeiro tempo, pela professora regente A (PR-A); no segundo tempo, lecionadas pela professora regente B (PR-B), sucediam as aulas de Matemática, e às sextas-feiras ocorriam as aulas de História e de Recreação, regidas pela PR-A, respectivamente.

As práticas didáticas adotadas, embora tivessem muitas semelhanças, também possuíam suas peculiaridades. Por exemplo, as duas professoras utilizavam de métodos expositivos, entretanto, uma delas, a PR-A, em alguns momentos, embora poucos, trazia estratégias mais interessantes, e demonstrava uma relação mais interativa com a turma, no sentido afetivo.

A partir dessa experiência, podemos perceber que mesmo com um considerável aumento de pesquisas e reflexões teóricas acerca de inovações nas práticas, o ensino ainda se mostra mecanizado, reprodutivo e pouco integrado a metodologias mais significativas, para se alcançar um desenvolvimento integral mais aprimorado dos sujeitos.

Este é um dos motivos pelos quais compreendemos que entender como funciona a inteligência é um fator relevantíssimo para conduzir as práticas de ensino. Se eu acredito que o fato de pegar um livro e ficar horas tentando decorar o que diz nele para depois, em uma ou mais folhas de papel, escrever ou marcar o que memorizei e, com isso, conseguir tirar uma nota boa significa que sou inteligente, sim, isto mostra que a ideia gerada por inteligência é um tanto equivocada. Gardner (1999, p. 167) até faz uma afirmação relacionada que diz: “para a maioria de nós na sociedade ocidental, inteligência é um construto ou uma capacidade que pode ser avaliada por um conjunto de perguntas e respostas curtas, feitas oralmente ou por escrito.”

Ninguém deveria ter sua capacidade intelectual medida a partir do que consegue ou não decorar e expor em um teste a lápis e papel. Ou mesmo o seu conhecimento ser expresso tão monotonamente. Mas foi algo observado na sala de aula pesquisada, além de ser uma forma comum de como enxergam a relação inteligência - educação em nossa sociedade.

O ensino reprodutor, em que muito se copia e pouco se reflete, e em que se realizam atividades de modo maçador, além de testes a lápis e papel, parece continuar sendo símbolo predominante em nossas escolas. O que foi observado durante a pesquisa mostra bem esta realidade, ao mesmo tempo que dá indícios dos grandes desafios enfrentados pela educação em nosso contexto social.

Todo cuidado é pouco ao avaliar alguém, pois o que muito agrava o resultado é o próprio processo. Frente a tudo o que fora observado e a percepção do vivenciado traz um pouco do reflexo que a realidade de nossas escolas transmite: uma sala de aula, composta por muitos alunos, enfileirados, com livros, cadernos e lápis em suas carteiras, uma professora à frente da turma, um quadro branco e uma aula conteudista e pouco instigadora.

Diante da pesquisa realizada, encontramos aulas que tinham ritmos semelhantes à medida que se seguiam. Nas aulas de matemática (regida pela PR-B) utilizavam-se de folhas de atividade e livros didáticos; as estratégias adotadas pela professora não fugiam muito do comum: conteúdo transmitido passivamente. Era perceptível também uma agitação da turma, até maior durante as aulas dessa disciplina do que nas demais que foram acompanhadas.

Nas outras aulas observadas (português, história e recreação), que eram ministradas pela PR-A, as estratégias eram parecidas: lápis e livros didáticos, embora fosse possível perceber uma tentativa, em alguns momentos, de realização de uma aula mais elaborada, como a utilização de imagens para apresentar o conteúdo, um piquenique literário, em que as crianças liam livros paradidáticos e expunham o que haviam interpretado dessa leitura, e em seguida compartilhavam lanches, enfim, momentos estes muito raros, mas que foram uma modificação que houve na rotina daquelas crianças. Houve também dias em que, tanto nas aulas da PR-A

como nas aulas da PR-B, as carteiras escolares estavam postas em posições distintas, uma ao lado da outra, proporcionando uma melhor interação da turma e das próprias professoras.

Em cada aula o conteúdo era reforçado abstratamente, não se utilizava muito de outras formas e recursos, e pouco estimulavam a criatividade e participação espontânea dos alunos, não instigando muito a curiosidade. Sentimos que o aluno é tratado apenas como um receptor que irá ter o seu aprendizado construído a partir de cópias e repetições, segundo alega Ventura (2002), e geralmente em uma mesma rotina, de uma mesma maneira, como um treino. Não se investia no desenvolvimento múltiplo das crianças. É como se todas fossem iguais e, com isso, aprendessem igual, de uma maneira única, e que através do lápis e do papel deversem demonstrar seus conhecimentos.

E muitas dessas práticas só dificultam a aprendizagem do aluno, pois pressionam os mesmos a seguirem um determinado ritmo, impondo-lhes uma forma única de aprender, sem muito contato direto e experimental com o conhecimento. E isso pode acabar trazendo consequências que culminam muitas vezes em desânimos, falta de interesse em estudar e pior, em evasão escolar. Piaget também compartilha do pensamento de que a educação ainda não avança na percepção da potencialidade dos educandos, de forma que os alunos se encontram alienados e frente a um ensino por ele considerado insignificante e sem relevância. (PULASKI, 1986).

Ele ainda enfatiza que tais métodos acabam levando os sujeitos a resistirem a essa educação, pois ela conduz a uma aprendizagem cansativa e entediante, além de não ser interessante e nem incentivadora, e é separada do pensar e do sentir. (PULASKI, 1986). E trazendo um pouco do que foi vivenciado e do que se compreende, em sua maioria, da situação do ensino em nosso contexto social, de certo modo, esse é um pensamento que resume a realidade e que não se pode ocultar.

Gardner também critica essas práticas, trazendo sua não concordância ao que ele chama de visão uniforme, afirmando estar relacionada ao que podemos considerar uma falha cognitiva humana, por ele chamada de “pensamento estilo QI” (GARDNER, 1995, p. 64). Seus argumentos trazem um conjunto de reflexões sobre o que e até onde realmente a mente humana pode dominar. Pensamentos esses ainda pouco considerados em nosso meio escolar, e que, mesmo se expandindo, ainda não é executado como deveria. Ele diz que “a mente é um instrumento multifacetado, de múltiplos componentes, que não pode, de qualquer maneira legítima, ser capturada num simples instrumento estilo lápis e papel.” (GARDNER, 1995, p. 65). Mas, infelizmente é o que mais encontramos em nossas escolas.

Não é que eles devam ser excluídos definitivamente, o maior problema encontra-se na sua escolha e aplicação, sendo este predominantemente adotado, praticamente de forma unânime, por aqueles responsáveis por “fazer” a educação. E isso acaba por levar, muitas vezes, ao descarte de outros elementos importantes, que fariam diferença no desenvolvimento de vários sujeitos.

Ninguém é igual a ninguém, isto é um fato. Nem mesmo gêmeos univitelinos, que embora sejam idênticos, são de todo modo iguais. Compreender que é necessário um olhar mais profundo em nossas crianças é um detalhe que há muito já deveria ter sido contemplado. É relevante que se invista em seu desenvolvimento integral significativamente, e isso requer grande disposição, responsabilidade e compromisso.

A educação é como uma base em que se constroem edifícios e casas, ou seja, a partir dela se constituem diversos fatores muito importantes para o desenvolvimento de cada sujeito, inclusive para a sua integração e participação social. É certo também que ela conduz ao alcance de objetivos estimados e proporciona a capacitação e o aprimoramento de habilidades, podemos assim dizer.

Vygotsky (1987, p. 187 apud BAQUERO, 1998, p. 76) traz a ideia de que a educação “é o domínio engenhoso dos processos naturais do desenvolvimento. A educação não apenas influi sobre uns ou outros processos de desenvolvimento, como também reestrutura, de maneira mais essencial, todas as funções da conduta.”

Vemos que a educação possui um papel não apenas simbólico, mas contextual e que resulta em apropriação, abrindo portas para mais experiências. E se aprofundarmos a questão da educação chegaremos à escolarização.

Compreender que a inteligência pode ser mais ampla do que é por muitos considerada talvez traga uma sensação de insegurança, afinal, é uma novidade e que engloba um conjunto de fatores necessários para uma educação mais significativa. Formas de trabalhar o ensino que levam em conta as diferenças existentes entre as crianças são paradigmas indispensáveis para o alcance de um melhor aprendizado.

E destacando o porquê da importância de se considerar e tratar as diferenças, afirma Gardner (1999, p. 116):

Se ignorarmos essas diferenças, estamos destinados a perpetuar um sistema que atende a uma elite - tipicamente àqueles que aprendem melhor de uma determinada maneira, em geral lingüística ou lógico-matemática. Por outro lado, se levarmos a sério essas diferenças, cada pessoa pode ser capaz de desenvolver mais plenamente seu potencial intelectual e social.

Cada ser humano possui suas particularidades, e cada uma deve ser considerada, inclusive porque são elas mesmas que facilitarão o empoderamento do conhecimento das crianças, sem causar em muitas a sensação de improdutividade ou mesmo de pouca inteligência, o que acabaria por se tornar uma incoerência, visto que todos possuímos habilidades e só o que se necessita é trabalhá-las, para assim, sermos bem capacitados.

“Fundamentalmente, uma inteligência refere-se a um potencial biopsicológico de nossa espécie para processar determinados tipos de informações de determinados modos. Como tal, envolve claramente processos realizados pelas dedicadas redes de neurônios.” (GARDNER, 1999, p. 118). Frente a essa questão é possível que compreendamos a importância de um sistema completo de ensino, onde cada criança tenha acesso a uma educação que a conduza ao conhecimento de forma prazerosa, não cansativa, não mecânica nem competitiva. O aluno precisa ter segurança e estímulo naquilo e para aquilo que irá fazer.

Lembremos que o processo de ensino-aprendizagem não é simples, e infelizmente muitas de nossas escolas adotam estratégias e metodologias que às vezes dificultam ainda mais este procedimento, tentando formar crianças diferentes de maneiras iguais, sem considerar integralmente suas capacidades, que mais parecem tornar o estudo uma “tortura” do que um meio capaz de conquistar a atenção da criança, de modo a levá-la ao desejo de sempre querer aprender mais.

Ao final da pesquisa de campo, conseguimos uma entrevista com a PRA, que solicitamente se prontificou a nos responder. Diante de tudo o que fora questionado e esclarecido podemos ter acesso a uma maior reflexão de nossa realidade escolar e entendermos mais que a necessidade de transformá-la é real e até mesmo, imediata. Apostar em um ensino mais abrangente e focado em uma capacitação mais completa reflete uma precisão da educação.

Tudo isso nos levou a refletir no grande papel que teoria das Inteligências Múltiplas tem, no pilar que ela pode ser para a educação, sendo capaz de desfazer uma realidade um tanto mecanizada e precária, em que as oportunidades para desenvolver cada indivíduo de um modo mais completo são menores. Esta é uma linha de pensamento que traz consigo um enorme campo de possibilidades, não se limitando a estratégias monótonas e uniformes, pelo contrário, ela permite ao sujeito explorar diversos meios que lhe oportunizam capacitações direcionadoras, ou seja, um desenvolvimento integral mais potente.

É possível enxergarmos que, partindo da teoria das IM, temos como base o seguinte: “não somos todos iguais; não temos o mesmo tipo de mente [...] e a educação funciona de modo mais eficaz se essas diferenças antes forem levadas em consideração do que ignoradas ou negadas.” (GARDNER, 1999, p. 115). Ou seja, como já vimos, é preciso considerar as

diferenças de cada ser, pois cada um de nós somos únicos, e isto deve ser válido na educação, de forma a melhorá-la, e essa teoria pode ser um meio de aprimorar o ensino.

E uma característica observada nesta escola foi a grande valorização do cognitivo, da racionalidade, mais precisamente a lógica e a linguística, enquanto outras áreas como o corpóreo e o autoconhecimento, por exemplo, não possuem tanto destaque. É certo que é muito importante e indispensável trabalhar o lado abstrato, mas sem desconsiderar o concreto, pois este é um elemento que faz parte, naturalmente, do desenvolvimento de qualquer sujeito, principalmente em sua infância.

4.5 A expressão da professora

Graduada em Pedagogia pela Faculdade Cearense e, atualmente pós-graduanda em Ensino pelo Instituto Federal do Ceará e em Alfabetização e Multiletramentos pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, a professora entrevistada já atuava na área há pouco mais de 3 anos, embora tivesse se formado há apenas 2 anos, já ministrava antes da formação. Estava substituindo a professora titular que entrou de licença por um pequeno período, desta forma, exercia o papel de PR-A.

Talvez inteligência, ela seja um conjunto de saberes em determinada coisa, [...] ou predisposição, [...] uma compreensão mais, mais aberta né, maior. Talvez a inteligência, ela circule dentro desses conceitos [...], tanto de habilidade em alguma coisa, quanto essa compreensão mais ampla, quanto essa capacidade de assimilação rápida. Acho que, pra mim, inteligência seria o conjunto dessas coisas. (PR-A – PROFESSORA REGENTE A)

Um exemplo é Gardner, que definiu inteligência, mas baseado no desenvolvimento de seus estudos foi revisando seus próprios conceitos. Ele denominava inteligência, inicialmente, como “a habilidade para resolver problemas ou criar produtos valorizados em um ou mais cenários culturais.” (GARDNER, 1999, p. 46). No entanto, passadas as décadas, ele reformulou este conceito e chegou à conclusão de que inteligência é “um potencial biopsicológico para processar informações que pode ser ativado num cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados numa cultura” (GARDNER, 1999, p. 47).

Ao ser questionada sobre o que sabe desta teoria, a entrevistada afirmou conhecê-la, expondo um pouco do que entende dela. Relatou o seguinte:

Eu sei que [...] ele postula né que cada pessoa tem uma forma de aprender né; [...] tem determinada habilidade em alguma área, em alguma forma de aprender né, [...] algumas pessoas são mais visuais, algumas pessoas são mais auditivas, algumas pessoas

aprendem mais, de forma mais prática né. Eu entendo a teoria dele assim né, com essas várias formas de aprender. (PR-A - PROFESSORA REGENTE A)

Muitas são as ideias em torno da teoria das Inteligências Múltiplas. Claro que ela vai bem mais além do que imaginamos e muitas vezes sabemos. Essa teoria ainda traz consigo muitas dúvidas, inclusive Gardner chegou a respondê-las em um capítulo de uma de suas obras, porque muitos ainda não tinham compreendido seu conceito. E uma das coisas que mais nos confunde é em relação ao papel que tem cada inteligência denominada. Há quem confunda a inteligência como sendo um estilo de aprendizado, de trabalho, ou mesmo cognitivo, mas segundo Gardner (1999), o estilo refere-se a uma abordagem geral que pode se desenrolar de igual modo em diversos conteúdos, enquanto a inteligência “é uma capacidade, com processos computacionais componentes, que é aparelhada para um conteúdo específico no mundo.” (GARDNER, 1999, p. 106)

Em outras palavras, o que precisamos entender é que dominar uma determinada inteligência não significa dominar todos os estilos, isto é, a inteligência é como um amplo campo específico que traz consigo ramificações as quais podemos ter como estilos. Para esclarecer melhor, podemos utilizar a fala do próprio Gardner que diz “Uma pessoa que escreve bem em sua língua materna não necessariamente falará bem em público nem terá facilidade para aprender línguas estrangeiras.” (1999, p. 107). E complementa ao citar a proposta apresentada pelo educador Harvey Silver que se define na ideia de que pessoas bem-dotadas em alguma inteligência particular deveriam decidir a forma como explorariam suas competências, ou seja, o indivíduo com a inteligência linguística poderia decidir se queria escrever, falar em público ou mesmo aprender línguas estrangeiras. (GARDNER, 1999). Com isto, é possível que “a decisão de como usar a inteligência preferida reflita o estilo preferido.” (GARDNER, 1999. p. 107)

Outra pergunta feita foi sobre a forma como as crianças aprendem, a professora relatou não concordar que elas tenham a mesma percepção ao internalizar algo. expressando o seguinte pensamento:

cada criança tem uma forma de perceber o mundo, as coisas, né? Como a gente trabalha com a vivência e com o cotidiano, aí que vai se tornar particular mesmo essa aprendizagem, porque cada criança vem de um contexto diferente. Então se eu entendo que cada criança vem de um contexto diferente, eu entendo que a partir daquela vivência ela aprende de uma forma diferente, distinta dos demais. (PR-A - PROFESSORA REGENTE A)

E essa fala da entrevistada é muito importante, pois mostra uma ideia mais esclarecedora do que realmente deveria prevalecer no contexto de ensino, mas que ainda carece de maior intervenção e mudança, pois muitas vezes, mesmo que o educador compartilhe desse

pensamento, ainda persiste em nossa sociedade um sistema contrário, em que mais parece considerar os alunos como seres coletivos, do que indivíduos em formação e com peculiaridades.

Howard Gardner, inclusive, quando defende a importância de uma educação em que seu centro se encontra voltado aos sujeitos, ressalta que já é de conhecimento que:

os indivíduos possuem mentes muito diferentes umas das outras. A educação deveria ser modelada de forma a responder a essas diferenças. Em vez de ignorá-las, e julgar que todos os indivíduos têm (ou deveriam ter) o mesmo tipo de mente, nós deveríamos tentar garantir que cada pessoa recebesse uma educação que maximizasse seu potencial intelectual. (GARDNER, 1995, p. 65-66)

As dificuldades que muitos alunos apresentam em sua caminhada escolar, às vezes não recebe a atenção devida, ou até mesmo não é bem interpretada, caindo toda a culpa em cima do sujeito, mas o que acontece é que a metodologia utilizada pode ser a causadora dessa dificuldade. Nem sempre, porque uma criança aprendeu facilmente por meio de cópias, que as demais terão o mesmo sucesso. Considerar o indivíduo dentro do coletivo é fundamental para se proporcionar um desenvolvimento mais significativo para todos os envolvidos.

Mas devemos ficar cientes de que essa situação não se dá por si só, ou seja, ela faz parte de todo um conjunto de peças que se complementam, pois dependem umas das outras. Este quebra-cabeça está baseado no ensino-aprendizagem, ou seja, o aprendizado do aluno está muito relacionado a metodologia pela qual ele aprenderá. Perguntamos a entrevistada se ela encontrava desafios ao exercer suas práticas pedagógicas e quais eram as dificuldades que mais implicavam em sua didática. Ela então destacou a falta de condições ao planejar, explicando não ser possível a realização de muitos planejamentos, tendo que contemplar tudo, como mencionado por ela, “todas essas múltiplas formas de aprender”, em um só. E ela finaliza dizendo:

quando eu me vejo diante disso, eu me vejo diante de um desafio, porque eu tenho um livro didático apenas, é, um caderno de atividade apenas, uma atividade apenas e não disponho nem do recurso na escola pública pra dar essa multiplicidade [...] de atividade, pra, ou de elevar o nível pra quem já tá lá em cima ou de diminuir o nível pra quem, por conta do tempo, da disposição que as coisas são colocadas pra gente e no próprio sistema que a gente é inserido né.” (PR-A - PROFESSORA REGENTE A)

Compreender que o trabalhar pedagógico traz consigo um complexo conjunto de ações é também entender que deve fazer parte de sua construção um sistema rico de detalhes, que somados culminarão em um resultado significativo para todos, escola e sociedade. Os estudos fortalecem as ideias, mas infelizmente isto não é o suficiente para transformar um contexto. É possível percebermos, na fala da professora entrevistada, o que ela mais sente ao se

confrontar com nossa realidade pedagógica, realidade esta que muitos outros podem encontrar-se na mesma situação, compartilhando da mesma percepção.

O tempo e o formato do planejamento foram citados por ela como os maiores desafios enfrentados. Depender de um sistema que impõe condições que não se demonstram muito didáticas, realmente é uma barreira que precisa ser quebrada não apenas por um, mas por todos. É complicado executar uma teoria construída em uma ideia quando temos uma prática que exige uma outra postura. Além das muitas dificuldades enfrentadas no setor público, que mesmo não sendo o tema central deste estudo, não pode deixar de ser mencionado, afinal, acaba contribuindo para mais desafios enfrentados pelos professores.

É preciso um novo modelo de planejamento, em que cada passo, seja ele o tempo, o material, o espaço, enfim, tudo o que se necessita para fazê-lo esteja em um rumo significativo, que faça a diferença na vida do aluno quando estiver prestes a ter contato com novas aprendizagens.

Dando continuidade a entrevista, foi perguntado sobre sua opinião em relação as melhorias nas escolas, se tanto as públicas quanto as particulares precisam melhorar, de um modo geral. A entrevistada ressaltou a questão do planejamento novamente, sugerindo uma flexibilidade em sua concepção e no tempo para planejar e executá-lo, destacando também a formação do professor, inclusive a continuada, que também deveria contemplar esta flexibilidade. Ela ainda fala sobre o processo formativo do pedagogo, discordando do tamanho destaque teórico que há, pois concorda que relação a entre a teoria e a prática é interdependente, deixando claro que elas são indissociáveis e que nenhuma é mais importante que a outra, mas que elas se completam.

Ela ainda diz acreditar que a escola necessita entender esta relação teoria e prática e considerá-la, pois só então poderá desenvolver-se devidamente, da melhor maneira, afinal, segundo a PR-A (professora regente A), “só uma prática calçada de [...] uma teorização vai acontecer de forma significativa, porque ela tem um caos teórico né, ela tá baseada em alguma coisa.” E finalizando o seu pensamento, ela relata achar

que o primeiro passo seria esse: um planejamento flexível, a avaliação cumprindo a função da avaliação que é averiguar, fazer a inferência né, a análise, e ter tomada de decisões e redirecionar o planejamento. Eu acho que só assim, de fato, nós teríamos aprendizagem mais significativa e elevaríamos como consequência né, o nível da educação, a qualidade. (PR-A - PROFESSORA REGENTE A)

Sem dúvida, talvez duas das questões que mais deveriam ser reconsideradas na maioria das nossas escolas são os planejamentos e as avaliações. Entender que estamos desenvolvendo e preparando um componente que terá que fazer diferença para alguém é mais

do que produzir, é conhecer. Planejar conhecendo-se o sujeito é mais proveitoso do que quando não se tem informações precisas sobre ele. A criança é mais do que um sujeito que entrará em uma sala de aula e se sentará em uma carteira para adquirir conhecimento transmitido por um professor; ela é um indivíduo com conhecimentos prévios e que está ali para, entre diversas coisas, aprender mais, enriquecendo seus saberes e experiências. Porém, a forma mais significativa não é só olhando e ouvindo, mas também participando, praticando, construindo e vivenciando. “As crianças não aprendem sentando-se passivamente em suas carteiras e ouvindo o professor, assim como não aprendem a nadar sentando-se em barcos ancorados e observando os nadadores mais velhos na água.” (PULASKI, 1986)

Uma avaliação justa vem de contraponto com muito do que é oferecido aos nossos alunos. Claro, entendemos que muito do que se dá em sala de aula é conteúdo impresso e amontoado. Isto está claro. E se refletirmos bem neste ponto, até há uma certa lógica por trás dos estilos avaliativos da maioria de nossas escolas. Se parece possível por variados conhecimentos em folhas e mais folhas de papel e inteirar-se deles com o auxílio apenas do lápis e do papel, faz sentido averiguá-los também por meio do lápis e do papel. Isto seria a solução se não fosse, em muitos casos, um problema.

O saber de um aluno vai além de 30 linhas de uma redação, de 10 questões de matemática, de um ditado de 20 palavras. A inteligência é ampla, não cabe apenas no espaço de uma folha. Seria um tanto injusto avaliar o conhecimento de alguém com algumas poucas ou mesmo, muitas questões em um papel. Se a tivéssemos a visão do quão longe pode chegar um indivíduo que trabalha significativamente o máximo possível de suas habilidades, entenderíamos que

a tecnologia padrão não poderia ser aplicada de modo adequado a várias das inteligências. Por exemplo, como avaliar a compreensão que cada um tem de si, ou dos outros, com um teste de respostas curtas? Que resposta curta seria adequada para avaliar a inteligência físico - cinestésica de uma pessoa? (GARDNER, 1999)

E então ficam algumas perguntas já por muitos respondidas, mas talvez por poucos refletidas: será que esse formato de ensino e de avaliação que temos são realmente eficazes? Será que eles conseguem trazer um aprendizado consistente ao indivíduo? Será que nossas escolas estão dando a devida importância a todas as áreas do conhecimento, de modo a capacitar consideravelmente nossas crianças? Elas estão tendo um desenvolvimento cognitivo e emocional significativo? Não são questionamentos a se pensar e esquecer, mas a se procurar solucionar.

E prosseguindo a entrevista, quando questionada sobre a formação do pedagogo, quanto a sua qualidade e satisfação, a entrevistada relatou considerar muito deficiente,

destacando a polivalência deste profissional, sua vasta atuação na sociedade, como é citado por ela durante a entrevista: “o pedagogo que vai pra escola tem um desafio, o pedagogo que vai pra gestão tem outro, o clínico hospitalar [...] tem outro, o organizacional [...] tem outro, porque a nossa formação permite essas [...] áreas de atuação” (PRA - professora regente A), e sua preparação desarticulada, isto porque, segundo a entrevistada, subentende-se que aquele sujeito que está em formação para o magistério do ensino básico já sabe, o que o destina ao mercado mesmo não possuindo ainda domínio do que fazer, conduzindo-o a aprender “na marra.”

Ainda comentando sobre o tema, ela afirma que a consequência disso é que

a teoria que deveria calçar a prática, ela se desarticula; quando ela se desarticula, Paulo Freire diz que essa prática vira ativismo, essa teoria “bla, bla, bla”, como se não servisse, o que que eu faço é [...] só automático, é só como se fosse, e não é. A gente sabe que, como cientista da educação, o pedagogo ele [...] tem uma formação específica pra várias áreas que [...], na minha concepção, que não está bem encaminhada nem na Universidade nem [...] na faculdade. Eu acho que não é um problema de instituição, é um problema mesmo de pensar a formação desse profissional e das múltiplas áreas que ele atua e como eu preparar melhor esse profissional diante desse desafio. (PR-A - PROFESSORA REGENTE A)

Certamente a formação do profissional é o ponto de partida para formação dos saberes da profissão, e os saberes adquiridos com a experiência fortalecem a condução das práticas pedagógicas dos professores. No entanto, sentimos que a formação inicial precisa de melhorias. Pegando um pouco da fala da professora entrevistada para fundamentar o que queremos dizer, apresentamos a questão da desarticulação formativa desse profissional da educação.

Vejam que ingressar em um curso superior onde teremos contato com diversas áreas de estudo, com a fantasia da profissão, nos traz um sério problema, isto porque a realidade nos mostrará o “outro lado da moeda.” E a necessidade de uma formação que traga os “dois lados dessa moeda” é crucial. Não se faz um jardim só com terra nem só com flores. É preciso a terra para se cultivar as plantas e é fundamental as plantas e flores para formar um jardim. Ou seja, a teoria é o caminho e a prática, a realização. Dois polos distintos que se complementam.

Embora concordemos que a formação tem sim sua influência no desempenho e atuação do professor, não podemos dar todo o crédito para ela, pois mesmo que seja muito dura a realidade do magistério com uma preparação que deixa a desejar, a busca pelo aperfeiçoamento da qualificação não está desconsiderada, isto é, ainda que seja mais difícil a atuação sem um ótimo suporte, quando o pedagogo pratica, experimenta, investiga, procura, aprofunda-se na área, ele torna possível o sucesso do aprimoramento de sua qualificação.

Por isso, o professor não deve depender somente de uma formação que muitas vezes não é plenamente satisfatória, mas deve buscar por mais conhecimentos e experiências, pois

estes são indispensáveis para o crescimento qualitativo deste profissional. E em referência a essa experiência da formação *versus* atuação, temos Jean Piaget (s/d) lastimando a carência de pesquisas enriquecedoras. Para Piaget, estudar a psicologia infantil não é o bastante, mas que os professores precisam desenvolver suas pesquisas próprias “para verificar como é difícil fazer-se compreender pelas crianças e compreender o que dizem elas”. (Piaget, s/d, p. 40 apud PULASKI, 1986, p. 205). E mais,

Se os professores em formação fossem sistematicamente solicitados a observarem as crianças, formulando-lhes perguntas, aprenderiam muito mais sobre a maneira como se desenvolve a mente infantil e sobre como estimular a criança a pensar por si mesma. Infelizmente, contudo, os estudantes que se preparam para o magistério quase sempre sofrem do mesmo tipo de aprendizagem passiva que seus alunos; podem assistir a certo número de palestras sobre psicologia infantil e obter aprovação em um exame sem jamais se defrontarem realmente com uma criança. (PULASKI, 1986, p. 205)

Visualizamos, então, o quanto a nossa formação influencia em nossa atuação. Porém, estas são questões que também dependem muito de quem irá conduzir o ensino da turma, e como sabemos, se o docente não buscar maiores conhecimentos, experiências e inovações, as estratégias utilizadas provavelmente se limitarão a esse mesmo padrão, predominante, apresentado na citação acima.

Dando continuidade a entrevista, ela foi indagada quanto ao seu pensamento referente ao trabalhar das habilidades e capacidades das crianças e como a escola poderia fazer isso. Em resposta, disse ser de fundamental importância e destacou o modelo escolar dos Estados Unidos, relatando que lá eles não são obrigados a fazer todas as disciplinas, no caso, eles fazem aquilo que têm mais aptidão, em que mais se destacam, tanto no campo das artes como dos esportes. Uns vão para o futebol, outros para a dança, para várias modalidades. Vão pelas suas escolhas, pelo o que eles fazem melhor, afirmou a PR-A, classificando este modelo como muito bom, justificando que ele acaba valorizando o saber que o aluno tem melhor, naquilo que ele faz com mais predisposição.

E finalizou a resposta expressando como achava que deveria ser a postura da escola frente a valorização das habilidades e capacitação das crianças. Opinou que seria importante que a escola observasse essa questão de considerar as potencialidades dos alunos, que desse a devida importância, mas que infelizmente muitas vezes fica apenas no discurso. E acrescentou mais:

A gente tem um sistema que valoriza [...] a meritocracia, diz que as coisas a gente consegue por esforço né? E eu não acredito nisso, porque os fatores eles podem não ser determinantes, mas eles acabam influenciando muito nesse, desenvolvendo esse contexto, essa vivência né, esse desenrolar da história desses meninos. (PR-A - PROFESSORA REGENTE A)

A visão de uma escola que abranja e trabalhe por completo o indivíduo, de um modo significativo, claro, talvez ainda esteja um pouco distante da realidade em que vivemos. Considerar e procurar desenvolver as habilidades dos alunos deveria ser um dos principais pontos de partida para se fazer uma educação clara e eficaz. Sim, não fechemos os olhos para os desafios que devem ser enfrentados para o alcance deste modelo de escola: ampla e envolvente, com boa didática e capacitadora; no entanto, são estes desafios que, quando enfrentados, terminam nos melhores resultados. E buscar conhecimento na teoria e experiência na prática, uni-los e agir com dedicação, sempre tendo esclarecida a intencionalidade com a qual se trabalhará com as crianças é fundamental.

E claro, considerando as aptidões dos alunos, que é um ponto crucial para se alcançar um desenvolvimento significativo. Mas precisamos entender também que a questão não é unicamente apostar somente naquela predisposição que os indivíduos podem ter, mas utilizar de meios que desencadearão essas e outras habilidades, a fim de que lhes seja proporcionado um desenvolvimento integral satisfatório, e para isto, as estratégias serão um fio condutor determinante nesse processo.

Desta forma, todos terão a possibilidade de trabalhar conjuntos de habilidades, tendo a oportunidade de uma melhor capacitação, desenvolvendo domínios nas mais variadas áreas, como o próprio Gardner (1999) expõe. Ele diz, diferenciando inteligência de domínio, que o sujeito pode “ser bom num campo sem necessariamente apresentar a inteligência mais comumente associada com tal desempenho. Do mesmo modo, pode-se apresentar uma grande inteligência sem que necessariamente se saiba muito sobre o domínio do mesmo nome.” (GARDNER, 1999, p. 106)

E finalizando a entrevista, solicitamos a opinião da docente quanto ao reflexo do trabalhar das habilidades no desenvolvimento integral dos estudantes. E ao responder, enfatizou que concordava com tal ideia, afirmando que na medida em que se trabalha as habilidades dos alunos, eles vão compreendendo de uma forma mais prática e útil. E disse mais: “eles gostam daquilo que tem utilidade, porque aí eles dizem: Ah, isso serve pra minha vida, então é importante eu aprender”. (PR-A - PROFESSORA REGENTE A)

Ela ainda cita um exemplo que mostra um pouco da vulnerabilidade, da desarticulação vivenciada por sua turma: o livro de artes adotado no ensino daquelas crianças. A entrevistada ressalta que este material está em desacordo com a realidade desses estudantes, isto porque, segundo ela,

é um livro muito elevado, [...] de um acesso que só uma criança [...] da classe mais, eu digo mais mesmo assim, mais bem colocada na sociedade é que teria, é, propriedade de

vivenciar aquilo, de entender e compreender como é abstrato aquilo [...] que o livro de artes traz, então, eu tenho uma realidade completamente distinta. (PR-A - PROFESSORA REGENTE A)

E completa sua argumentação com uma crítica ao sistema escolar e com sua opinião finalizada:

a escola, o sistema, seja lá como é que chama isso, [...] ela pode até em algum momento destacar esses ideais de inteligência, de valorizar o saber, de trazer a vivência, mas quando ela traz um livro didático desse [...] ela contraria tudo o que ela propõe. [...] e se a gente trabalhar, sem dúvida, a gente teria aprendizagens significativas, a gente teria aluno lá em cima, trabalhando, com eles né? Trabalhando com o que eles sabem, com o que eles fazem de melhor, sem dúvida. (PR-A - PROFESSORA REGENTE A)

Sabemos que uma criança nasce com sua própria carga genética, ou seja, seu campo biológico já vem definido, no entanto o seu desenvolvimento dependerá de muito mais, ou seja, a capacitação do indivíduo é como um produto do meio em que está inserido, ou melhor, das interações que ela vai elaborando com esse meio. A questão da aprendizagem e a relevância de se ter estratégias que beneficiem esse processo a ponto de torná-lo significativo devem ser o foco do planejamento e da prática do ensino em qualquer escola. Quando temos isso em mente, estamos visualizando nossas crianças.

A entrevistada demonstra em suas palavras o quanto considera importante trabalhar o aluno por completo, apesar de observarmos que ela não o faz, e que o sistema educacional acaba, muitas vezes, contradizendo-se ao teorizar uma coisa, mas praticar outra. E quanto ao ritmo didático das aulas, podemos ter uma ideia dele até mesmo na forma em que a sala de aula é organizada. E infelizmente as aulas traziam o que de costume contemplamos: as fileiras de carteiras, o lápis e o papel, a transmissão do conteúdo e o aluno, o ouvinte.

Consideremos o pensamento de Piaget (apud PULASKI, 1986, p. 207) que nos diz “que as crianças devem ter a liberdade de explorar, perguntar e descobrir por si mesmas [...]. As crianças precisam conversar entre si, pois é assim que aprendem.” (PULASKI, 1986, p. 207). Vemos então que a ação, o tentar, o experimentar sempre foi o melhor meio para o desenvolvimento dos indivíduos. E que o conhecer para trabalhar não deve ficar em segundo plano, não deve ser tido como uma carga a mais, mas como o caminho para se alcançar o sucesso que trará a satisfação, que proporcionará uma melhor qualidade.

E o que fará essa diferença na educação é justamente transformar aquilo que percebemos que não está dando a devida resposta. A escola, então, não deve ignorar esta realidade, pois o que adianta jogar tanta coisa, e monotonamente, para o indivíduo e no fim, colher apenas um pequeno ramo, que provavelmente foi o que se tomou por proveitoso por parte do aluno, enquanto o resto, foi descartado ou simplesmente dificultou a vida de algum estudante? É preciso ter a consciência e sempre lembrar que cada sujeito é único e que os seres

humanos não se limitam aos mesmos interesses, não se desenvolvem da mesma maneira e que suas particularidades são relevantes e fazem diferença, principalmente quando estimuladas.

Mas destaquemos o esforço por parte da PR-A, que embora houvesse dificuldades a enfrentar, como superar o fato de ser substituta temporária da titular, estar em adaptação com a turma, conhecendo ainda seu ritmo, suas diferenças, suas realidades. tentava trazer algo diferente. São muitos os fatores que impactam no processo do ensino-aprendizagem e que tornam o nosso sistema de ensino mais desafiante, pois ainda há *déficits*, e é preciso trabalhar em equipe, é necessário a colaboração coletiva da família, dos profissionais da educação, dos estudantes, da ala política e da própria sociedade.

Mas é importante ressaltar que a teoria das Inteligências Múltiplas não é um parâmetro regrado e que não deve ser aplicado como uma “receita pedagógica”, como afirma Gardner (1999, p. 112); ele deixa claro que a teoria das IM “não inclui um posicionamento em rastreamento, educação de superdotados, currículos interdisciplinares, horários de aulas, duração do ano letivo nem outras questões pedagógicas polêmicas.” (GARDNER 1999, p. 113). Ou seja, trabalhar com essa teoria não é basear-se em um manual, pois isto acaba tirando o essencial e até mesmo a sua proposta, resultando em ações, de certa forma, superficiais. Trabalhar com a teoria das Inteligências Múltiplas, na verdade, é ter bem claro que cada ser humano é único e, desta forma, sempre considerar suas diferenças. Isto facilitará e trará meios significativos para o desenvolvimento de cada indivíduo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inteligência é um termo que possui variadas definições que estão associadas a vertente teórica a qual está relacionada. Podemos perceber isto, a partir do que fora explorado neste trabalho. Buscamos mostrar um pouco da variedade de habilidades que o ser humano pode ter, o quão a inteligência não está limitada, nem mesmo a amplitude que lhe é imposta, pois ela consegue ir além do que nós pensamos e do que muitos estudos constataam.

A escola tem como função principal a formação de crianças, jovens e adultos, e para isto, deve desenvolver as potencialidade e habilidades existentes em cada ser. Seu papel é de transformar, de compartilhar e trocar conhecimentos e experiências e de proporcionar o desenvolvimento intelectual, físico e emocional de cada indivíduo. Desde bem pequenos, os alunos devem ser estimulados através da interação e socialização, do contato com o outro, do acesso a um ambiente e a ferramentas que lhes proporcionem uma aprendizagem transformadora, resultando em seu desenvolvimento integral. Deve ser considerado um ser atuante em seu processo de aprendizagem.

Com tudo isso, em suma, o que se quer dizer é: o papel da escola é ultrapassar barreiras, trabalhando o desenvolvimento integral do aluno, desde um pensamento mais teórico até um mais prático, e a realização ativa de atividades e projetos, ampliando resultados que visam e valorizam o crescimento do indivíduo e valorizam.

Mas o que deveria ser levado em consideração e feito para mudar a realidade das nossas escolas atuais? Que modelo de escola seria mais ideal para se alcançar uma formação completa e significativa dos indivíduos? Vários detalhes são determinantes no sucesso do aprendizado das crianças como o currículo, a didática e a avaliação, por exemplo. Trabalhar para que o estudante aprenda e tenha vontade de aprender é um desafio e não deve ser desenvolvido de qualquer maneira, afinal, para que se construa algo com êxito é preciso estratégia, e com o conhecimento não é diferente, pois ele também deve ser construído.

É preciso analisar bem quais devem ser as prioridades ao educar uma criança academicamente. Importa que todos os fatores necessários estejam envolvidos, porém em sua medida certa. Entender a relevância de conhecer o indivíduo para saber como agir e conduzir da melhor maneira para o seu desenvolvimento é crucial. Não esqueçamos que para o mestre ter bagagem para contribuir bem no preparo do discípulo é necessário que ele também esteja bem preparado.

É interessante frisar que acreditamos ser relevante uma escola prezar a teoria das Inteligências Múltiplas como um orientador e suporte didático. Mas é muito importante

salientar que utilizar esta teoria como uma base para o ensino escolar deve estar em coerência com o conceito que ela contempla, isto porque às vezes há o risco da superficialidade na tentativa de seguir esta linha de pensamento. Como no caso de querer trabalhar determinada habilidade na criança, mas para isso, são utilizadas estratégias que acabam não sendo tão eficientes.

Ressaltamos que adotar uma teoria na orientação da prática pedagógica desenvolvida na sala de aula, como propomos aqui com as Inteligências Múltiplas, deve ser uma ação consciente, discutida por toda escola, conhecida e compreendida como necessária, pois ao contrário podemos não atingir o objetivo esperado, visto que há a necessidade de engajamento, a fim de não fazer como propostas que chegaram à escola e foram mal conduzidas ou realizadas superficialmente dentro de práticas tradicionais.

Observando as crianças, víamos situações ainda comuns nas nossas escolas atuais, as divergências no aprendizado, a presença de crianças com dificuldades que se encontravam em uma série que já exigia leitura delas, mas que, mesmo fora da faixa etária, continuavam sem saber ler ou tinham uma difícil leitura. E a pergunta que fica é: será mesmo que as repetir de ano é a solução? Se formos analisar com todo cuidado, podemos ver que não é bem esse o caminho mais apropriado nesta situação. Repetir para continuar com as mesmas táticas de ensino, sem considerar as particularidades do indivíduo, ou mesmo sem saber lidar com a realidade em que se encontra cada aluno não pensamos ser a melhor saída para uma mudança significativa no desenvolvimento e aprendizado da criança.

Entendemos que a inteligência vai além de um conceito pontual, na realidade, ela é bem subjetiva e como sabemos, é comum o julgamento de que se é mais inteligente quando se tira notas altas na escola como se isso fosse um pré-requisito para o sucesso, de um modo geral. Devemos sempre lembrar que é difícil definir uma medição para a inteligência e, como já vimos, nem os testes e muito menos os achismos são os melhores instrumentos medidores, e o que realmente deve ser considerado não é o nível intelectual do estudante, mas o quanto que ele está aprendendo e se desenvolvendo, pois os esforços constroem ocasiões e terminam em ótimos resultados. Mas qual o melhor meio de se identificar o sucesso no aprendizado de alguém?

A avaliação é um ponto crucial para se ter ideia e saber o que se passa com cada indivíduo, com seu desenvolvimento. Não é através de exames padronizados que os saberes dos estudantes serão mais fortemente identificados, até porque, essa ferramenta não conseguirá avaliar certas questões como, por exemplo, a desenvoltura corporal - cinestésica de um indivíduo ou mesmo o seu autoconhecimento ou o quanto ele conhece o outro, enfim, muitas

questões passariam despercebidas, como infelizmente passam, e justamente pela pouca consideração de determinadas áreas.

E além da avaliação, outros diferenciais importantes neste processo são o ambiente, os materiais que o aluno terá contato e, claro, a própria criança e seus interesses. Afinal, é perceptível que quando o indivíduo está em contato com aquilo que o interessa, o efeito é muito mais positivo do que quando está exposto a um método monótono que não é capaz de avaliar todo o essencial e nem conduzir tão bem ao significativo.

A proposta que trazemos com este trabalho não é dificultar a atuação do professor, impondo que o mesmo deve trabalhar em cada aluno considerando suas potencialidades, os interesses demonstrados, e àquelas que são identificadas em suas manifestações. Na verdade, o que se almeja é que todos tenham suas potencialidades desenvolvidas satisfatoriamente.

Propomos uma educação que não considere apenas os aspectos acadêmicos, mas incentive a convivência e o respeito a diversidade, desenvolva o gosto por artes como linguagem de comunicação entre os povos, respeite as diferenças, estimule a criatividade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria do C. R. S. **Gestão curricular**: para a autonomia das escolas e professores. Autonomia e Flexibilidade Curricular. Direção-Geral da Educação, 2018. Disponível em <https://run.unl.pt/bitstream/10362/64687/1/Gest_o_curricular_Para_a_autonomia_das_escolas_e_professores.pdf>. Acesso em 07 de novembro de 2020.

ARAÚJO, Izaura. **Howard Gardner**. 2 de agosto de 2019. Disponível em <<https://escolaeducacao.com.br/howard-gardner/>>. Acesso em 14 de novembro de 2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção primeiros passos, 20).

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. - Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em 21 de novembro de 2018.

CARVALHO, Janete M. **Pensando o currículo escolar a partir do outro que está em mim**. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo (organizador). **Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2005, p. 94 - 110. (Série cultura, memória e currículo; v. 6.)

COSTA, Ramiro M.; SCHMITZ, Sérgio. **Função social da escola**. Florianópolis (SC): UDESC, FAED, CEAD, 2002. p. 66 (Caderno Pedagógico; 1); seção 2, p. 27-35.

FREITAS, Wesley R. S.; JABBOUR, Charbel J. C. **UTILIZANDO ESTUDO DE CASO(S) COMO ESTRATÉGIA DE PESQUISA QUALITATIVA: BOAS PRÁTICAS E SUGESTÕES**. 2011. Disponível em <<https://www3.ufpe.br/moinhojuridico/images/ppgd/8.12a%20estudo%20de%20caso.pdf>>. Acesso em 26 de novembro de 2018.

GARDNER, Howard. **INTELIGÊNCIA: Um Conceito Reformulado**. Howard Gardner; trad. Adalgisa Campos da Silva. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. - Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: A Teoria na Prática**. Howard Gardner; trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. - Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <file:///C:/Users/iBYTE/Downloads/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

GUARÁ, Isa Maria F. R. **Educação e desenvolvimento integral**: articulando saberes na escola e além da escola. Brasília, v. 22, n. 80, p. 65-81, abr. 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Sistema de ensino, escola, sala de aula: onde se produz a qualidade das aprendizagens?** In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (organizadoras). **Políticas de currículo em múltiplos contextos**. São Paulo: Cortez, 2006, p. 70 - 122. (Série cultura, memória e currículo; v. 7).

NUNES, Ana I. B. L.; SILVEIRA, Rosemary do N. **Psicologia da aprendizagem**. 3 ed. rev. - Fortaleza, EdUECE, 2015. Disponível em <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/431616/2/Livro_Psicologia%20da%20Aprendizagem.pdf>. Acesso em 07 de novembro de 2020.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 12 ed. São Paulo: AMGH Editora Ltda, 2013. Disponível em <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=l6Y5AgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA5&dq=conceito+de+desenvolvimento+humano&ots=7ChKjflXp3&sig=TAHknvY0oWMlSz7GCiM0mG60BF0#v=onepage&q=desenvolvimento%20cognitivo&f=false>>. Acesso em 04 de novembro de 2020.

PEDRA, José Alberto. **Currículo, conhecimento e suas representações**. Campinas, SP: Papirus, 1997. (Coleção Práxis).

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**; tradução Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 24^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. Disponível em: <<http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2015/01/SEIS-ESTUDOS-DE-PSICOLOGIA-JEAN-PIAGET.pdf>>. Acesso em 27 de novembro de 2018.

PILETTI, Nelson; ROSSATO, Solange; ROSSATO, Geovanio. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Contexto, 2014.

PULASKI, Mary Ann Spencer. **COMPREENDENDO PIAGET**: Uma Introdução ao Desenvolvimento Cognitivo da Criança; tradução: Vera Ribeiro. 2^o ed. Rio de Janeiro: Editora S.A, 1986.

RODRIGUES, Letícia Gomes. **Um estudo sobre a Teoria da Inteligências Múltiplas**. Disponível em: <http://www.gradadm.ifsc.usp.br/dados/20152/SLC0631-1/Trabalho_tipos_inteligencia.pdf>. Acesso em 15 de novembro de 2018.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O significado e a função da educação na sociedade e na cultura globalizadas**. In: GARCIA, Regina L.; MOREIRA, Antônio F. B. (organizadores). **Currículo na contemporaneidade**: incertezas e desafios. Tradução: Silvana Cobucci Leite; Beth Honorato/ Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Cortez, 2003, p. 41-80.

STERNBERG, Robert J. **As capacidades intelectuais humanas**: uma abordagem em processamento de informações. Tradução: Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

_____. CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL. **O que é Educação Integral?**. S.D. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/conceito/?gclid=Cj0KCQjwwIPrBRCJARIsAFIVT8_QPNicav_y51VT_VjSlkhfqYmyXtjrxAvTi8bYlXQgEzrkFvG5JW8aAslmEALw_wcB>. Acesso em: 24 de agosto de 2019.

VENTURA, Lidnei. **Gestão do processo ensino-aprendizagem**: como promover o sucesso da aprendizagem do aluno e sua permanência na escola. Florianópolis (SC). UDESC: FAED: CEAD, 2002. 82p. - (Caderno Pedagógico; 1).

**APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA À PROFESSORA
REGENTE A DA TURMA DO 3º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL VICENTE
FIALHO**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA À PROFESSORA REGENTE A DA
TURMA DO 3º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL VICENTE FIALHO BEATRIZ
FERREIRA**

1ª) Formação inicial: _____

2ª) Cargo que ocupa na escola? _____

Tempo você atua nesse cargo? _____ Tempo de atuação na educação? _____

3ª) Possui curso de extensão : Sim () Não () pós-graduação? Sim () Não ()
Quais? _____

4ª) Para você, o que é inteligência?

5ª) Você já ouviu falar ou conhece a Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner?
O que sabe sobre elas?

6ª) Acredita que as crianças sempre aprendem da mesma forma? Comente.

7ª) Você encontra desafios ao exercer suas práticas pedagógicas? Se sim, o que mais dificulta
a didática de seu trabalho pedagógico?

8ª) Você acredita que as nossas escolas (sejam públicas e/ou privadas) precisam melhorar? Se
sim, em que? O que você sugere como melhoria?

9ª) Como você classificaria a formação do pedagogo em nosso país como satisfatória? Se não,
o que considera necessário para que o seja?

10ª) Você acha importante que todas as habilidades e capacidades das crianças sejam
trabalhadas e estimuladas? Como a escola poderia fazer isto?